



ALIX

O ESPECTRO DE CARTAGO

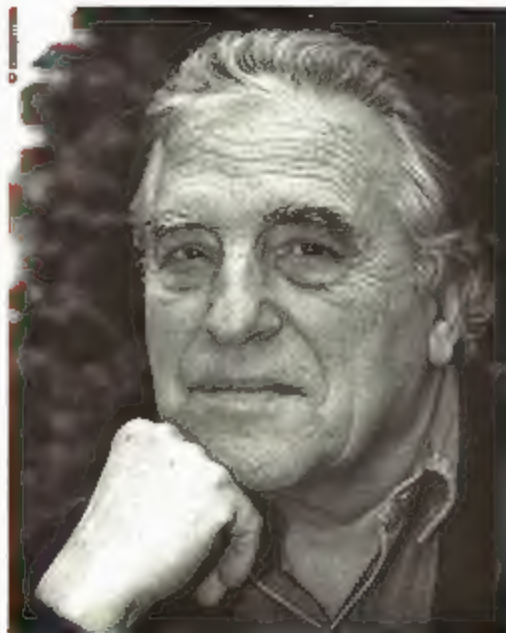
**JACQUES
MARTIN**



Ler⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

ASA

P
Público



Jacques Martin
Argumentista e desenhador
(1921-2010)

Jacques Martin nasceu em Estrasburgo a 25 de Setembro de 1921.

A arte clássica, a BD e a história são, desde muito cedo, as suas paixões. A morte prematura do pai obrigou Jacques Martin a optar pela engenharia e a frequentar um curso de artes e ofícios na Bélgica.

É já depois do final da Segunda Guerra Mundial, em 1946, que começa a percorrer os editores belgas, a quem apresenta os seus trabalhos. Associa-se a Henri Leblicq, adoptando o pseudónimo comum Marib. Nesse período, Martin alterna séries humorísticas com outras em registo realista. Durante a mesma época, desenha também para a revista *Bravo!*, onde assina Monsieur Barbichou (1946-1949), Lamar l'Homme Invisible (1947) e as aventuras de Oeil-de-Perdrix (1947), entre outros trabalhos.

Em 1949, entra no colectivo da revista *Tintin*, onde concebe a série Alix, que se tornará nas décadas seguintes uma das obras-primas da banda desenhada franco-belga.

Em 1952, propõe Lefranc, que dinamizará em paralelo a Alix. Um ano mais tarde ingressa no Studio Hergé, onde se mantém até 1971. Desse período destaca-se a sua colaboração na série Jo, Zette et Jocko e, sobretudo, *Tintin*.

Em 1970, abandona a execução gráfica de Lefranc, que passa a ser assegurada, sucessivamente, por Bob de Moor, Gilles Chaillet, Christophe Simon e Francis Carin.

Em 1978, concebe a série Xan (depois rebaptizada Jhen), com Jean Pleyers.

A partir de 1983, desenvolve a série Arno, inicialmente desenhada por André Julliard.

Em 1990, está na origem da série Orion, cujo desenho Martin passará depois a Christophe Simon.

No ano seguinte, de novo com Pleyers, assina o argumento de Kéos, cuja acção decorre no Antigo Egipto.

Revelando um dinamismo criativo permanente, apesar dos seus problemas de vista, Jacques Martin lança, em 2003, a série histórica Loïs (desenho de Olivier Piqués); no mesmo ano, entrega o desenho de Jhen a Bernard Capo.

Na fase final da sua vida, Martin empenha-se na criação de uma equipa de jovens desenhadores, com o objectivo de assegurar a continuação das séries por ele criadas.

Morreu a 21 de Janeiro de 2010, com 88 anos.



O ESPECTRO DE CARTAGO

Alix e Enak encontram-se em Cartago, a cidade do norte de África que foi quase totalmente destruída pelas legiões romanas. Certa noite, o herói é testemunha de um estranho fenómeno: uma luz misteriosa atravessa o céu, matando um soldado. Os dois amigos decidem investigar o ocorrido e descobrem que a situação observada não é caso isolado. As buscas levam-nos até ao velho palácio de Amilcar, construído sobre um promontório rochoso e destruído quase 200 anos antes. Está ali a origem da enigmática bola de fogo que surge por vezes à noite, antes de desaparecer no mar. Um grupo de radicais cartagineses, decididos a desafiar de novo o poder de Roma, está por trás de todas as movimentações que Alix e Enak estão determinados a desvendar. A curiosidade fá-los regressar de novo ao palácio, onde Alix procura novas pistas. O solo cede sob os seus pés e o herói encontra-se nas catacumbas, onde é salvo por uma descendente da mítica rainha Salammbô.

O triunfo do fantástico

É nesta aventura que o antagonismo entre Alix e a cultura fenícia, já desenvolvido em aventuras precedentes atinge o seu momento culminante.

Nessas bandas desenhadas, tal como ocorrerá na história seguinte da série (*O Deus Vulcão*), Cartago vê frustradas as suas aspirações de crescimento do comércio marítimo. Em *O Espectro de Cartago*, a cidade procura levar a cabo o ajuste de contas final com o herói, atraído a uma armadilha sob pretexto de uma homenagem do Senado local, que decidiu erigir-lhe uma estátua.

A opção de Jacques Martin por Cartago como palco da narrativa ficou a dever-se a um desejo de regressar a um dos seus "primeiros amores" — *Salambô*, de Gustave Flaubert, que o artista confessava ler de dois em dois anos. A influência é evidente e assumida por Martin, que concebe a personagem Samthô, uma nova Salammbô que, dois séculos depois da revolta dos escravos, aspira ao mesmo papel no palco da História. Não o conseguirá, em boa medida devido à violência de comportamento de Alix, causa involuntária da sua morte prematura.

Antes de começar a fazer esta BD, Jacques Martin deslocou-se aos locais da acção, presentemente em território tunisino. "Eu queria ver o local [da acção], ficar com uma ideia das suas proporções e da disposição dos espaços", explicou numa entrevista. Graças a essa deslocação, as reconstituições históricas beneficiaram de um acréscimo de rigor e também uma redobrada riqueza de pormenor, muito certeira e posta em evidência pela crítica.

O onícalo — um misterioso metal (ou liga metálica), mencionado por Platão, e peça nuclear da narrativa —, é apenas um dos numerosos elementos que levaram o autor a considerar esta história como aquela em que o fantástico está mais presente. Há passeios nocturnos pelas ruínas, aparições espectrais e efeitos mortais da misteriosa substância que brilha vivamente na escuridão. Tudo isso contribui para a criação de um clima angustiante e opressivo que, nas circunstâncias próprias daquele tempo civilizacional, é quase da natureza do sobrenatural.

Uma derradeira explosão, avassaladora, elimina os últimos vestígios edificadas de Cartago. É o fim do metal radioactivo e é também o fim da cidade, cujas ruínas Alix e Enak verão diminuir na distância, à medida que o navio romano os conduz ao continente europeu.

Carlos Pessoa

O que disse Jacques Martin...

Não podia situar uma história em Cartago sem evocar de novo, mesmo de passagem, o culto de Moloch-Baal. Não foi por sadismo que mencionei com frequência nos meus álbuns os sacrifícios humanos oferecidos a esse deus aterrador. Eles desempenhavam um papel muito importante, não apenas no plano religioso, mas na luta contra o sobrepovoamento. Na ausência de qualquer meio anticonceptivo, a população de Cartago — como a de muitas outras cidades antigas — conhecia uma natalidade galopante. Essa é certamente uma das razões por que os antigos favoreciam a homossexualidade e realizavam outros sacrifícios pavorosos.

"Avec Alix - l'Univers de Jacques Martin", de Thierry Groensteen, A. de Kuysche e Jacques Martin, edição Casterman.



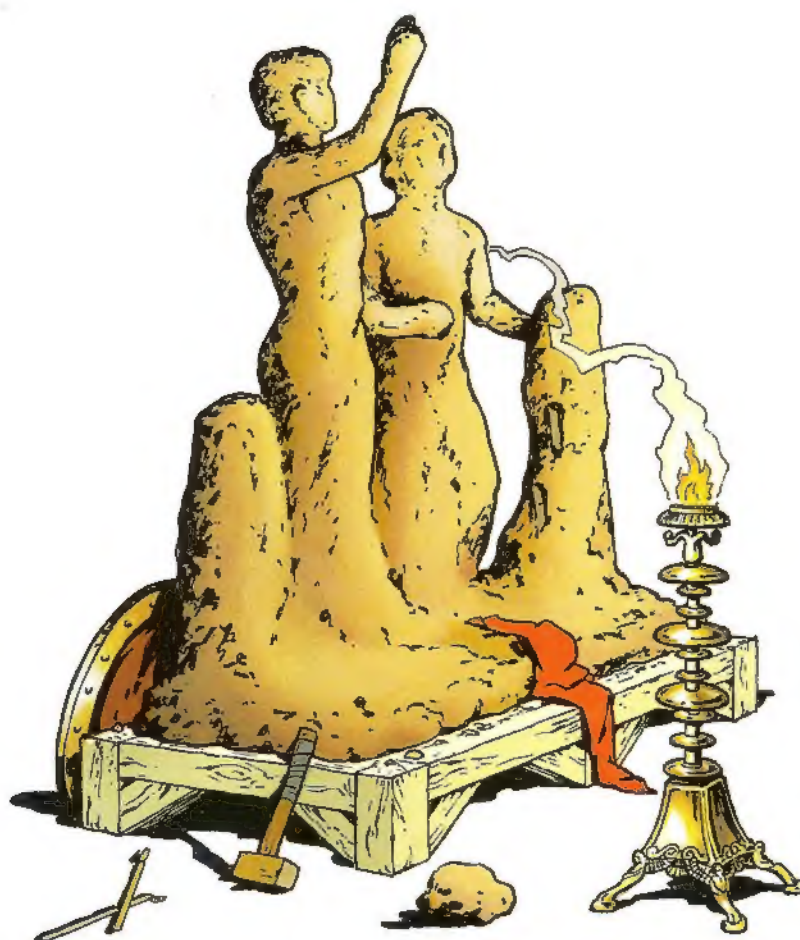
Título original
Le Spectre de Carthage

Primeira publicação na revista *Tintin*
(edição belga) entre 28 de Setembro de 1976 (n.º 40, 31.º ano)
e 19 de Janeiro de 1977 (n.º 3, 32.º ano).

Primeira edição em álbum
em 1977 (Casterman)

JACQUES
MARTIN

O ESPECTRO DE CARTAGO



Título original
LE SPECTRE DE CARTHAGE
© 1977 Jacques Martin / Casterman

Título
O ESPECTRO DE CARTAGO
© 2010, Edições ASA II, S.A., uma editora do grupo Leya

Editor responsável
Maria José Magalhães Pereira

Tradução
Paula Cactano

Adaptação
Cristina Vieira

Legendagem
Produção Leya

Capa
Produção Leya

Textos
Carlos Pessoa

Impressão e acabamentos
Mirandela – Artes Gráficas, S.A.

Co-edição
Edições ASA II
PÚBLICO

Maior de 2010
Depósito legal n.º 306 464/10
ISBN: 978-989-23-0804-3

Reservados todos os direitos

ASA

Edições ASA II, S.A.

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide
Telef.: (+351) 21 427 22 00
Fax: (+351) 21 427 22 01
PORTUGAL
www.leya.com

Público

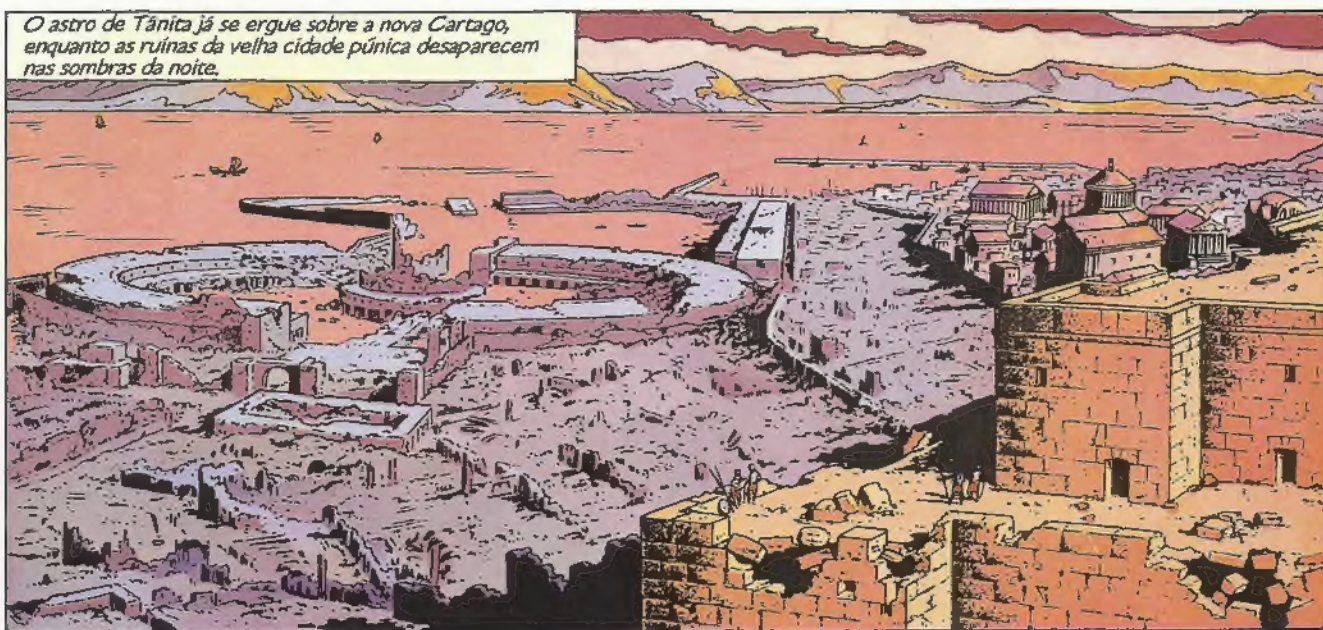
Público, Comunicação Social, S.A.

LISBOA
Rua Viriato, 13
1069-135 Lisboa
Telef.: (+351) 21 011 10 00
PORTUGAL

PORTO
Rua João de Barros, 265
4150-414 Porto
Telef.: (+351) 22 615 10 00
PORTUGAL

call.center@publico.pt
www.publico.pt

O astro de Tānita já se ergue sobre a nova Cartago, enquanto as ruínas da velha cidade púnica desaparecem nas sombras da noite.



Ainda vamos posar muito tempo? ...



Estão cansados, não estão?... Vamos terminar por hoje. Aliás, o Sol já se pôs e está na hora de irmos comer... Pronto!



Aqui, estaremos muito bem... Mande preparar estes pratos frios. Com o anoitecer, vem uma brisa do mar. Sentem-se, meus amigos.

Como te agradecer, Scoras? Não só te damos muito trabalho como ainda nos alojamos e...



Eu é que tenho de agradecer, Alíx. Os edis de Cartago concedem-me avultadas quantias para eu executar esta encomenda.

Oh! Enak e eu fizemos tão pouco por esta cidade (1)! Não merecemos tais honras... É verdade que não sabes quem teve a ideia de nos dedicar este monumento?...



Hannon, creio!?... Ou talvez outro?!... Já não me recordo! O importante é a vossa presença aqui e que o monumento seja erigido.



Claro. Eh! Que é que?... Que estranho clarão, além!... Vejam!...

De facto!



E subitamente,

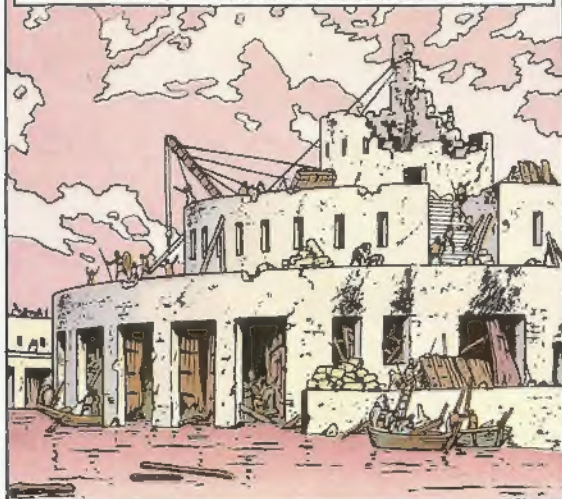
AAAH!...

(1) Ver "A Ilha Maldita".



⁽¹⁾ Em 146 a.C.

"Bloqueados no porto, os romanos trouxeram as suas armas de arremesso e, para instalar uma grande balista, destruíram a casa do almirante..."



"Isto nas barbas de Asdrúbal que explodia de raiva, ele que jurara sair vencedor."



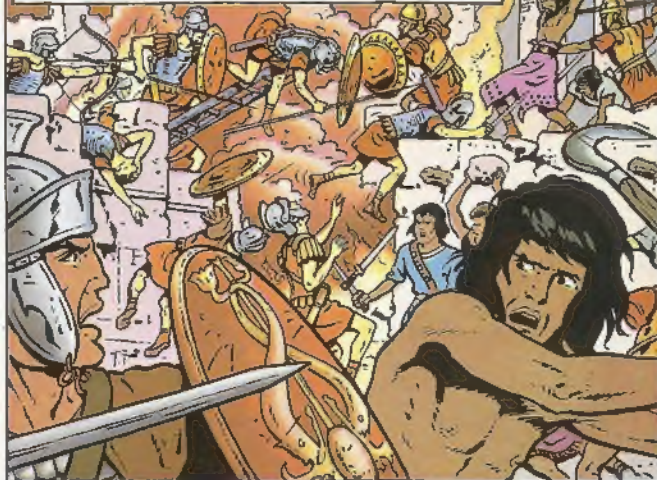
"Deu-se então início a um bombardeamento incessante em que as próprias pedras da cidade serviam para a esmagar."



"Passado cerca de um ano, Cipião Emiliano, que tinha recebido reforços, ataca a segunda muralha, protegendo Mégara, onde se encontravam os elefantes."



"Os confrontos foram cruéis e, durante meses, os sitiados defenderam-se furiosamente, causando pesadas baixas aos romanos."



"Mas a cidade lutava em inferioridade numérica, e as mulheres e as crianças que já não tinham armas lançavam-se aos braseiros."

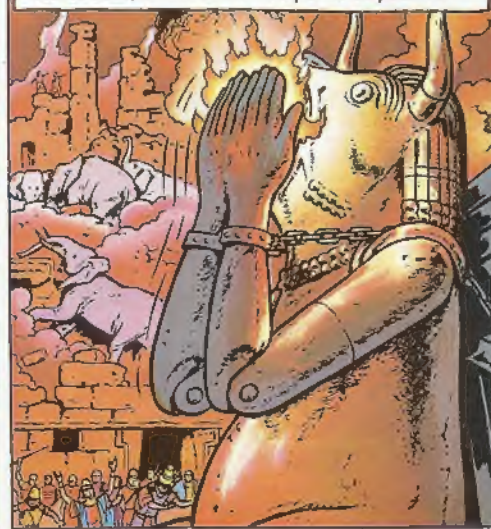


Que horror!

Sim! Penso que foi então que se atingiu o ápago do horror!...



"Fois, enquanto os combates provocavam o caos, Moloch-Baal, enrubescia com os incessantes sacrifícios. Iluminava a carnificina, enquanto os elefantes, desvairados, devastavam tudo por onde passavam."



"Os últimos defensores tinham-se encurralado na cidadela, mas estranhamente os bombardeamentos pararam como se os romanos quisessem poupar o último vestígio de poderio púnico."



"Entretanto, Cartago agonizava!... Morria exangue e os infelizes apanhados vivos eram imediatamente levados para serem vendidos aos mercadores de escravos que aguardavam nos destroços do porto."



"Cipião Emiliano tinha, por fim, alcançado a sua vitória. Seguindo as ordens estritas do Senado, apressava os seus soldados a expulsar os miseráveis que se encontravam nas ruínas."



"Havia que destruir tudo, arrasar a cidade, e os legionários não tardaram a demolir os muros que ainda estavam de pé."



"Assim que um pedaço de terra era desentulhado, reviravam o solo e espalhavam sal para que nunca mais nada aí crescesse."



"Então e o palácio dos Barca que ainda se mantém de pé lá em cima?..."

"Apesar de ter sofrido bastante no final dos combates, manteve-se insolentemente erguido."



"Estranhamente, os romanos passaram dias e noites a revolver a cidadela. Retiraram todos os móveis e todos os objectos, mas não pareciam satisfeitos. Chegaram mesmo a vir senadores, de ar grave e apreensivo, para a inspecionar. Que procurariam eles em vão?"



"Desde que a nova cidade foi construída, as buscas foram praticamente suspensas, bem como as destruições da antiga Cartago, como se os vencedores quisessem deixar o campo livre aos fantasmas."

"Foi um deles que acabámos de ver!?"





Sim!... Um desses fantasmas cheios de ódio, voltando para...

...se vingar dos romanos!



Talvez! Mas chegou a hora de irmos dormir: amanhã, temos muito trabalho pela frente.

Não o dia todo: não te esqueças de que eu e o Enak temos de ir visitar o irmão de Lydas (1).

É verdade!... Bom, boa noite.



No dia seguinte, após o pico de calor do dia, os dois amigos seguem ao longo da antiga muralha que desce para o grande mercado.



Lá está a casa de Lydas. Tem um aspecto um pouco diferente...

Logo veremos. Vamos bater à porta.



Boa tarde... O teu amo, Héliodor, convidou-nos.



São os senhores Alix e Enak? Entrem.



E pouco depois.

Esperem aqui.

É estranho!

Aqui, nada mudou desde o desaparecimento de Lydas.



Caros amigos, que alegria vê-los em Cartago!... O meu irmão tinha-os na mais alta estima e eu não respeitaria a sua memória se não os convidasse para a sua casa.



Mas eu não era o único ansioso por os conhecer. Eschoum, cuja ciência é famosa, também os esperava com impaciência.

Os seus olhos!... Esta voz!?

"Impaciência", é dizer pouco.

(1) Ver "A Ilha Maldita".



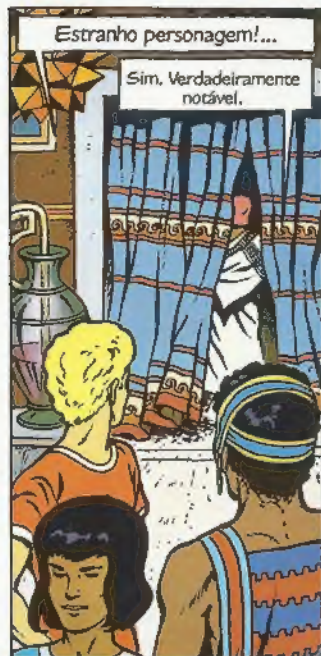
Onde é que já vi estes olhos?...

Lydas era uma pessoa extraordinária, que deixou uma herança científica considerável, capaz de mudar o destino da humanidade. É pois com grande alegria que a estudo... E é um prazer conhecer os seus amigos. Mas deixo-vos com o vosso anfitrião.



Obrigado, Eschoum, mas já nos encontrámos, não?

Achas?! Em todo o caso, tenho a certeza de que, doravante, os nossos caminhos se vão cruzar mais frequentemente... Até mais tarde.



Estranho personagem!...

Sim. Verdadeiramente notável.

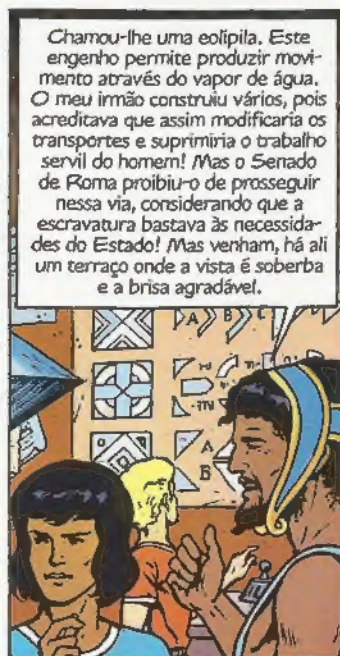


Era então aqui que Lydas trabalhava!...

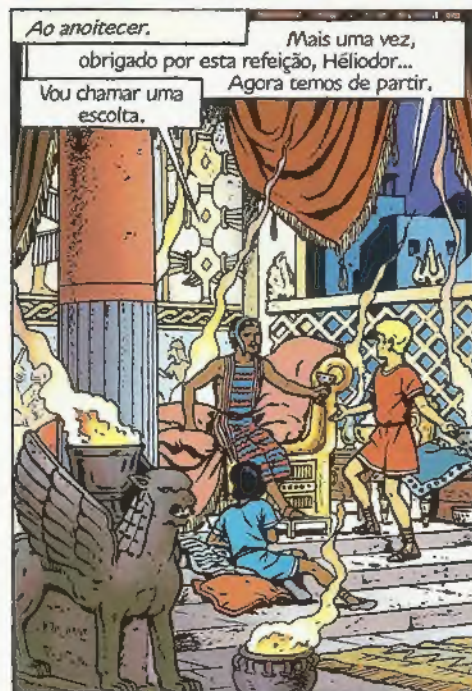
Sim, foi aqui que estudou e construiu todos estes objectos.



E isto, o que é?...



Chamou-lhe uma eolípila. Este engenho permite produzir movimento através do vapor de água. O meu irmão construiu vários, pois acreditava que assim modificaria os transportes e suprimiria o trabalho servil do homem! Mas o Senado de Roma proibiu-o de prosseguir nessa via, considerando que a escravatura bastava às necessidades do Estado! Mas venham, há ali um terrço onde a vista é soberba e a brisa agradável.



Ao anoitecer.

Mais uma vez, obrigado por esta refeição, Héliodor... Vou chamar uma escolta. Agora temos de partir.



Não é necessário, não vamos para longe e a luz de Tánita guiar-nos-á.

Uf! Estava desejoso de regressar a casa: aqueles perfumes intensos fizeram-me dor de cabeça.

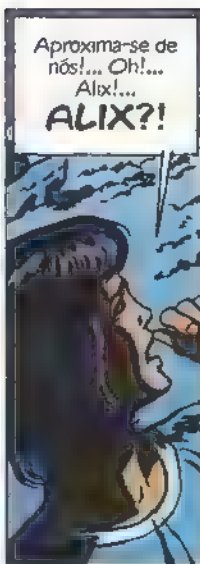
Vais sentir-te melhor: está uma aragem agradável e o silêncio destas ruínas vai...



AAAAHH



En!... Olha lá em
baixo! O clarão!...



Aproxima-se de
nós!... Oh!...
Alix!...
ALIX?!



O que se passa?...
Responde!... Alix?...
A luz vem aí!



Aaah!... Como é pesado!...
Nunca conseguirei!...
A luz! Depressa!...



Ele está gelado! Alix? Alix?...
O que é que?... Estou a ouvir passos!
Há ali uma cavidade!...



E, segurando o corpo do
amigo, Enak encolhe-se,
agacha-se...



...e desliza lentamente na escuridão,
sustendo a respiração.



Mas, de súbito, ouve-se um assobio agudo e a luz
afasta-se nas ruínas, rodeada pela sua estranha
escolta.



Entretanto, em casa do governador.

Isto é intolerável!

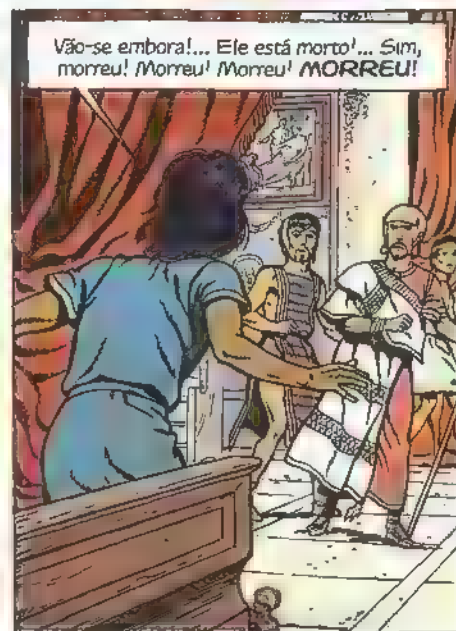
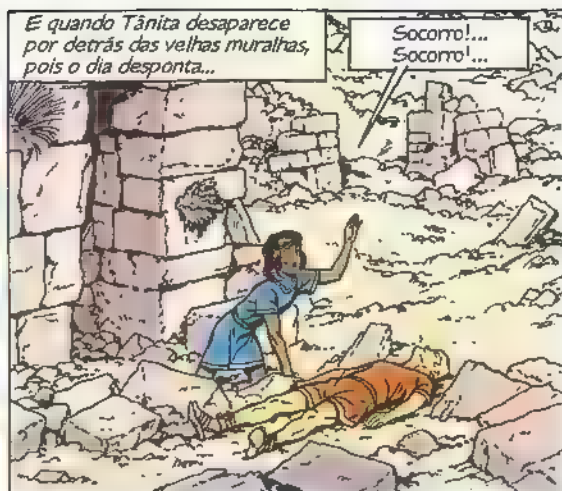
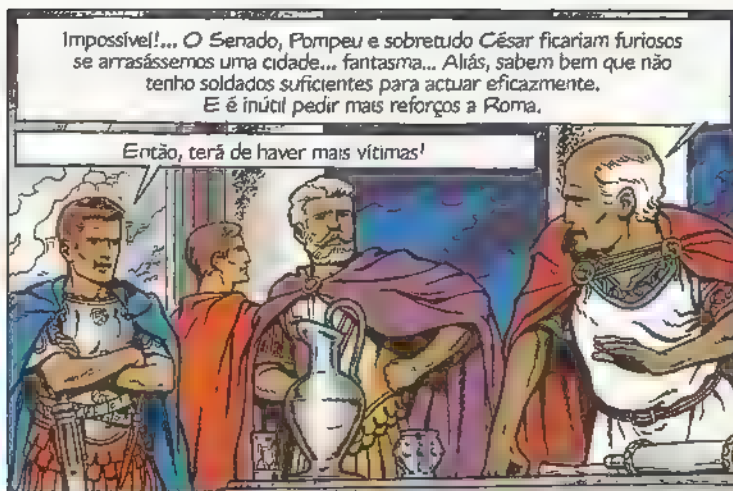
Não só este fenómeno ataca os
nossos soldados como agora
nos provoca descaradamente.

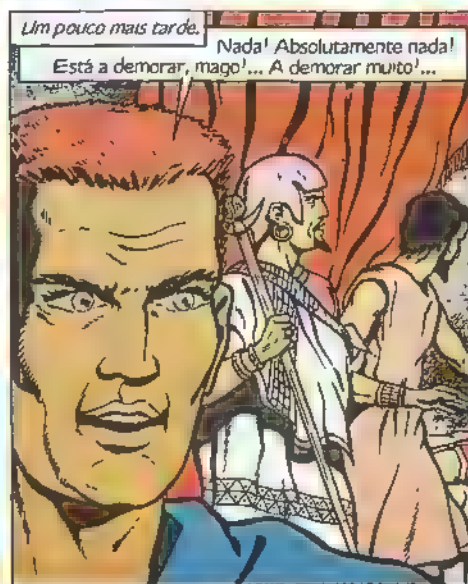
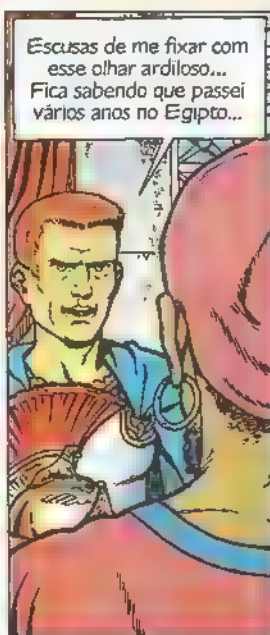
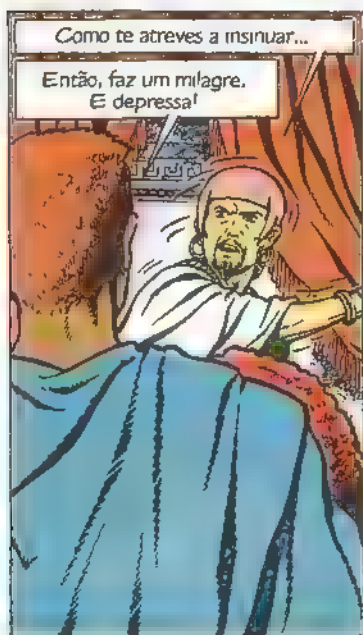


Dirige-se novamente
para o antigo porto.

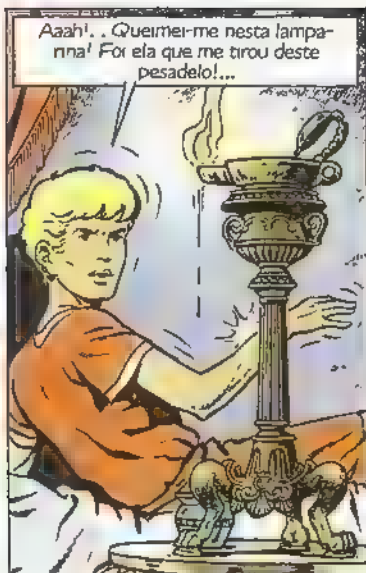
Deveríamos ter
arrasado tudo.

Ainda vamos a tempo
de o fazer!









Aaah!... Queimei-me nesta lamparina! Foi ela que me tirou deste pesadelo!...



E pouco depois,

O clarão!... Lá está!... Dingo-se novamente para o porto.

Com aqueles homens de negro que o escoltam pela escuridão!

E ninguém faz nada para os impedir!...

Calma! Calma, meu rapaz.



Mas mais adiante,

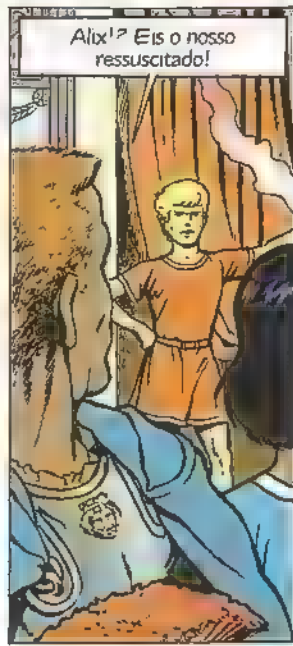
Rápido! Rápido! Safemo-nos.

Mas!... E as ordens!...

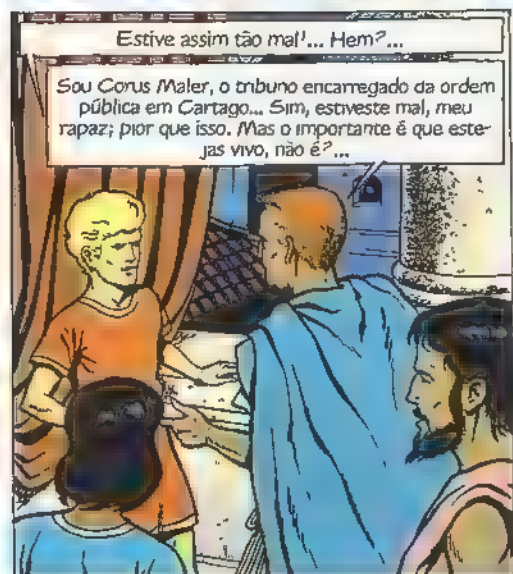


Todas as noites a mesma coisa!

Porque haveria de mudar!?...



Alix!?! Eis o nosso ressuscitado!

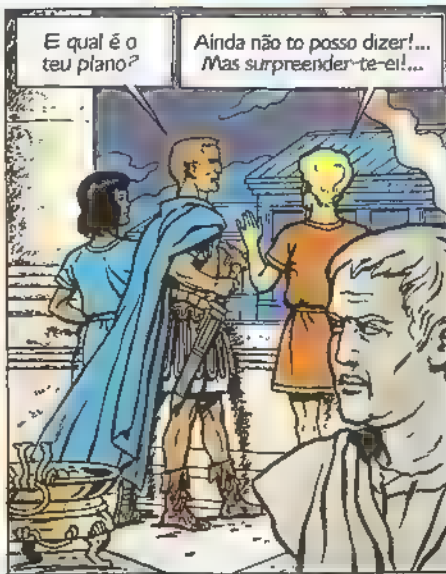


Estive assim tão mal!... Hem?...

Sou Corus Maler, o tribuno encarregado da ordem pública em Cartago... Sim, estiveste mal, meu rapaz; pior que isso. Mas o importante é que estas vivo, não é?...



Sim, mas agora tenho umas contas a ajustar com aqueles que me quiseram assassinar... E tenho a impressão de que não são alheios a estes fenómenos nocturnos.



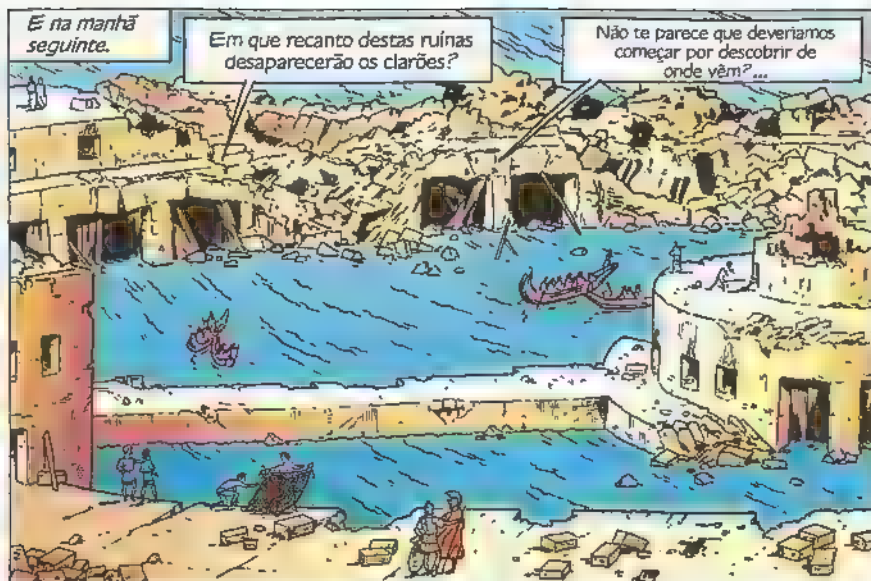
E qual é o teu plano?

Ainda não to posso dizer!... Mas surpreender-te-ei!...



Ótimo! Agora desvendar enigmas... És desconfiado, Alix: compreendo-te e continuarei a fazer os possíveis para te proteger.

Agradeço-te, mas gosto de ajustar as minhas contas sozinho.



E na manhã seguinte.

Em que recanto destas ruínas desaparecerão os clarões?

Não te parece que deveríamos começar por descobrir de onde vêm?...



Tens razão, Enak. Subamos lá acima e procuremos uma pista.



Nestas ruínas, devem ver-nos ao longe.

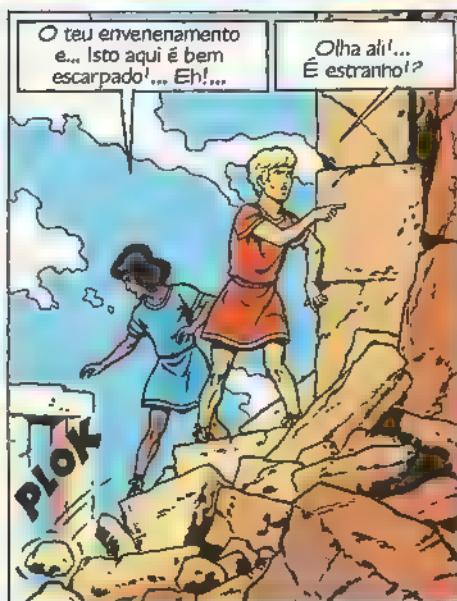
Em pleno dia, não corremos perigo, pelo menos assim o espero!



Estas muralhas acabarão por nos revelar o seu mistério. Talvez leve algum tempo, mas...

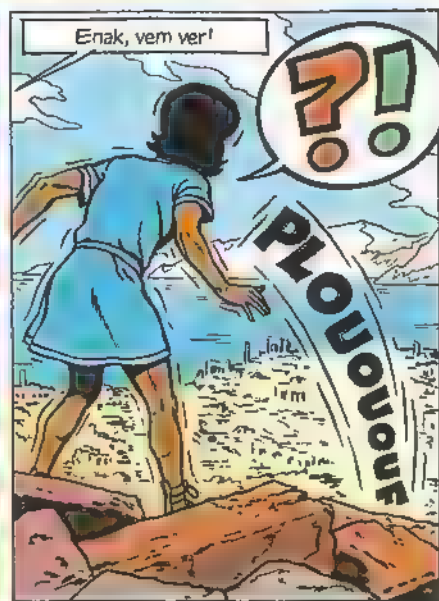
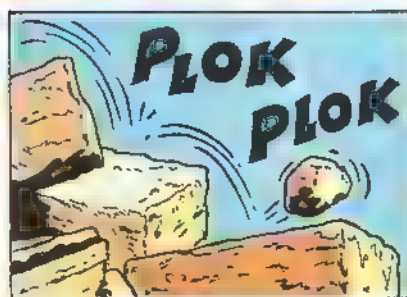
Quem sabe se não fomos atraídos para uma emboscada?

Uma emboscada!? Não creio, mas...



O teu envenenamento e... Isto aqui é bem escarpado!... Eh!...

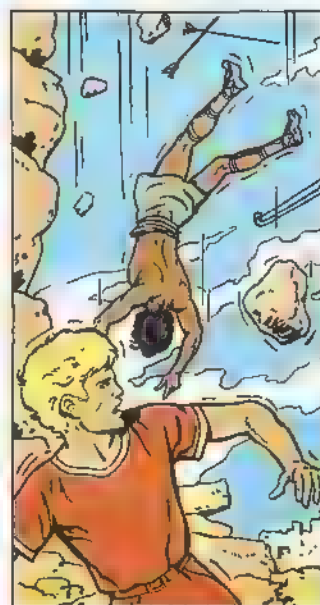
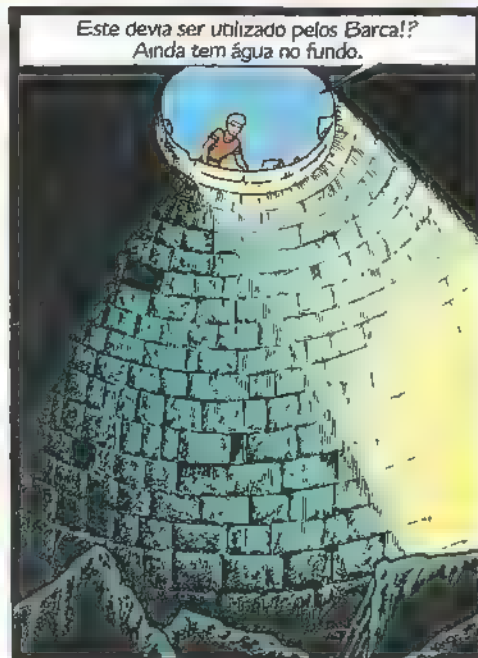
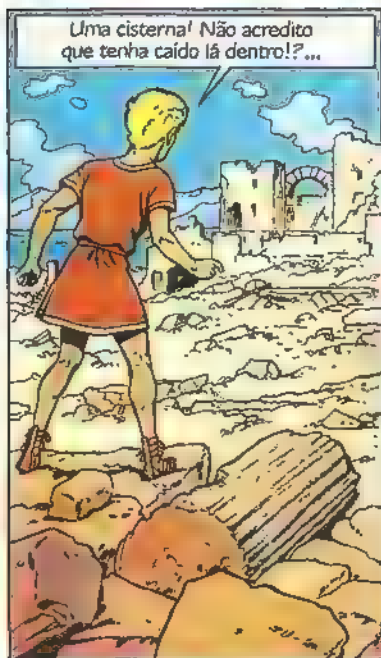
Olha ali!... É estranho!?



Enak, vem ver!

?!

PLOUUUUU





Ora esta!? Este homem queria matar-me e acabou por se esborrachar no chão!



PSST-PSST...

Talvez seja Enak!? Em todo o caso, cuidado!



Por aqui. Não tenhas medo.

Enak? És tu?...



Não o vimos, mas chegámos mesmo a tempo de abater o teu agressor.

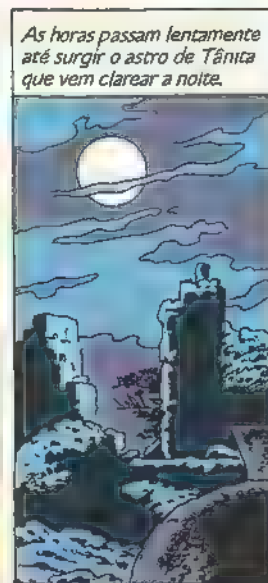
Conus Maler?



Se não fosse este hábil lançador de pedras, estavas morto, Alux... Não foi preciso muito, para cumprir a minha promessa de te proteger! Já que o teu companheiro desapareceu misteriosamente e que estamos num bom local para observar estas ruínas, vamos aqui ficar até anoitecer, para tentarmos desvendar os seus mistérios... Temos o que comer e beber.

Bom! Agradeço ao fundibulário... Agora, vou procurar Enak.

Não! Ficarás connosco: é a tua melhor hipótese.



As horas passam lentamente até surgir o astro de Tânita que vem clarear a noite.



De repente.

Ei! Venham ver!... Mas silêncio! Nem um ruído!

Um homem: sai do solo!...

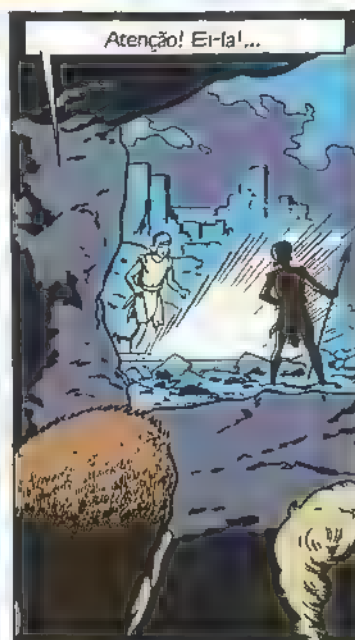


Extraordinário!

Outro!... E mais outro!?



Uma luz!...



Atenção! Ei-la!...



Esta agora!? Um homem que leva a luz nas mãos!



Afasta-se, protegido pela sua escolta.



Sigamo-os à distância: precisamos de saber para onde vão...

Tu, Haideral, protege-nos!

Certo.

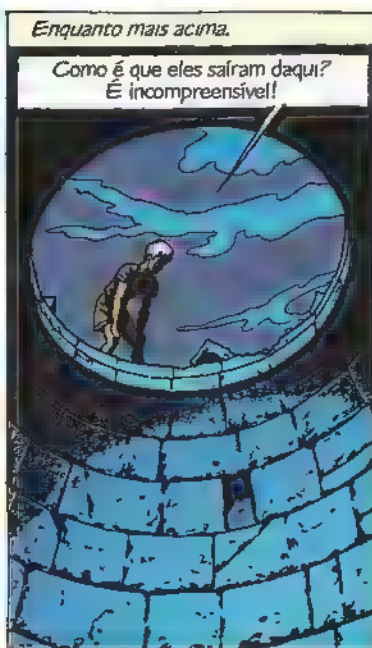


Psii! Devagarinho! Cuidado com o barulho!

E Alox!?... Desapareceu!...

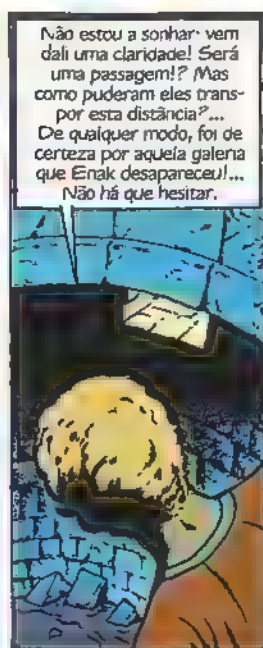


Aaah! Devia ter estado mais atento!... Veremos depois. Continuemos.

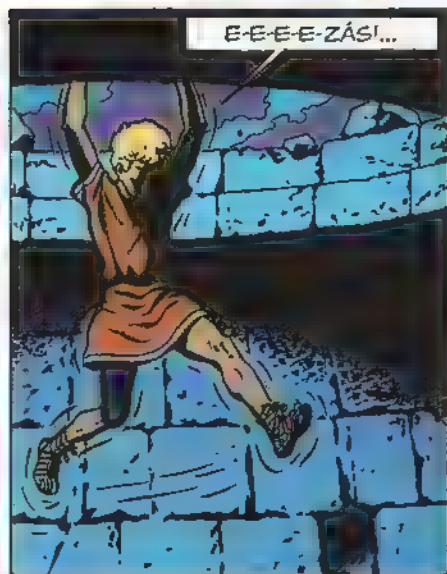


Enquanto mais acima.

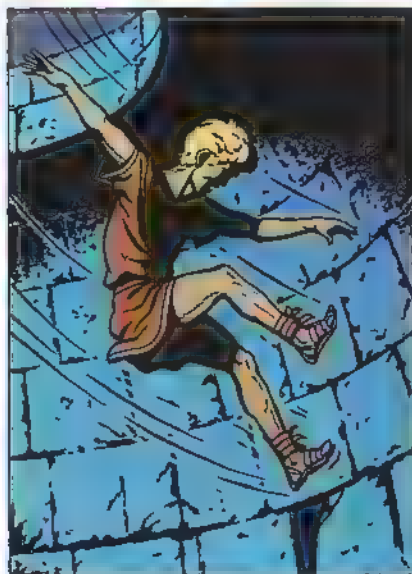
Como é que eles saíram daqui? É incompreensível!



Não estou a sonhar: vem dali uma claridade! Será uma passagem!? Mas como puderam eles transpor esta distância?... De qualquer modo, foi de certeza por aquela galeria que Enak desapareceu!... Não há que hesitar.



E-E-E-E-ZÁSI!...





Uuh!... Foi por pouco!
Mas o pior já passou.



O quê!? Uma escada!...
Ah! Estou a perceber,
alguém a retirou... Pois bem,
só me resta continuar.



E pouco depois.

Preciso de arranjar uma arma... Talvez ali?...
Maldição! Passos! Vem aí alguém!...



Entretanto, perto do porto.

Com tanto cuidado, perdemo-los de vista! Mais depressa.



Eh!... Uma emboscada!

Mantenhamo-nos juntos.



Menos um!...



AAAAAAH!



Isto é sal!... Ou pimenta!... Arde! Aaah!

Rápido! Lavem-lhe os olhos.



Estão a levar os fendos.

Se nos apressarmos, ainda podemos apanhar um. Poderíamos forçá-lo a falar e...



Não! Para ali!... Mais acima!... Pronto!...



Os meus olhos traem-me, mas ouço e sinto coisas que os outros ignoram... e aqui há uma presença estranha!



Deliras. Não te afastes e mantém-te perto de mim... Conheces as ordens.



Mas tenho a certeza!... Nesta passagem aqui. Volta, Zain!... ZAIN!



SIM... AQUI!

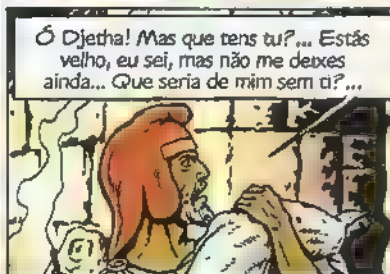


Eh!... O teu cão!... Parece estar doente! Vem depressa!

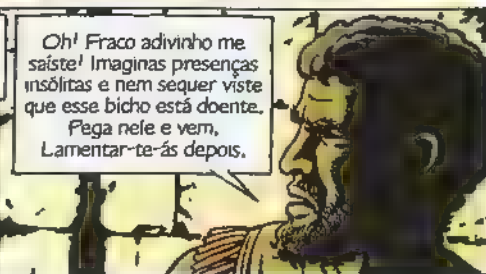
Djetha!...



Djetha! O meu cão!...



Ó Djetha! Mas que tens tu?... Estás velho, eu sei, mas não me deixes ainda... Que seria de mim sem ti?...



Oh! Fraco adivinho me saíste! Imaginas presenças insólitas e nem sequer viste que esse bicho está doente. Pega nele e vem, Lamentar-te-ás depois.



Vão-se embora! Uf!



Alo! fica um momento sem se mexer.

Uma luz do outro lado... Então, há uma passagem por ali!?



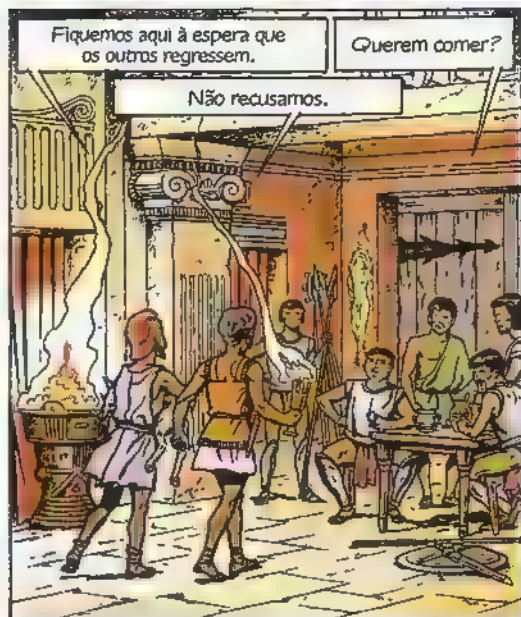
Um tranco!... É uma porta!... Como é pesada! Hã!?



Enquanto mais abaixo.

O teu cão parece estar melhor.

Sim, mas pesa muito! Vou descanhar.



Fiquemos aqui à espera que os outros regressem.

Querem comer?

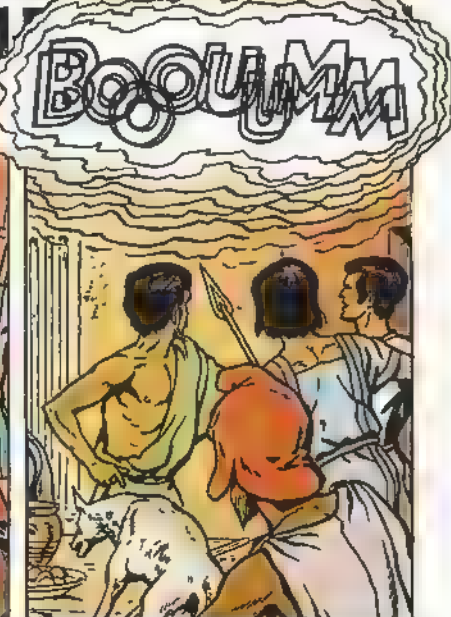
Não recusamos.



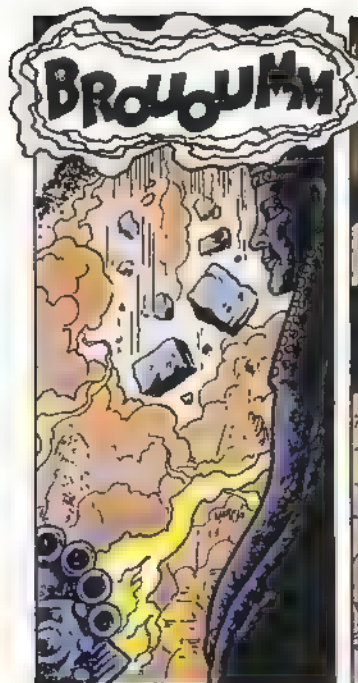
Pronto!

Ah! O teu cão está a acordar.

Têm sempre fome, é como eu... Fome há tanto tempo, há tantas gerações que nunca conseguiremos ficar completamente saciados...



BOOUMM

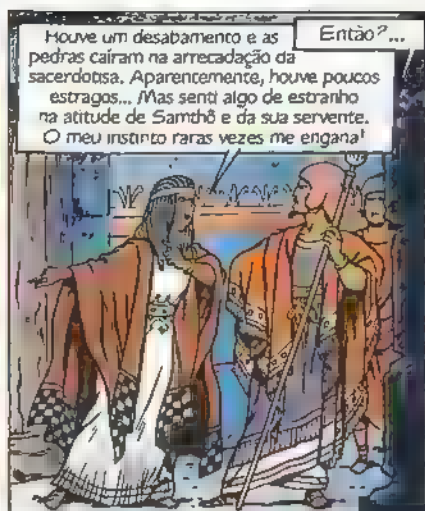




Que é que?...

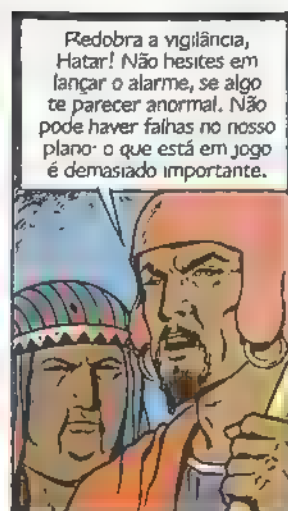
PAK

Nada! Foi eu que fiz tombar o incensório.



Houve um desabamento e as pedras caíram na arrecadação da sacerdotisa. Aparentemente, houve poucos estragos... Mas senti algo de estranho na atitude de Samthô e da sua servente. O meu instinto raras vezes me engana!

Então?...



Redobra a vigilância, Hatar! Não hesites em lançar o alarme, se algo te parecer anormal. Não pode haver falhas no nosso plano: o que está em jogo é demasiado importante.



É na manhã seguinte, perto da antiga porta de Mouin.

Compreenderam bem: entregam estas missivas a cada chefe de forte. Em caso de perigo, destruam estes pergaminhos... Defendam-nos com a própria vida, mas não deixem que caiam nas mãos do inimigo.

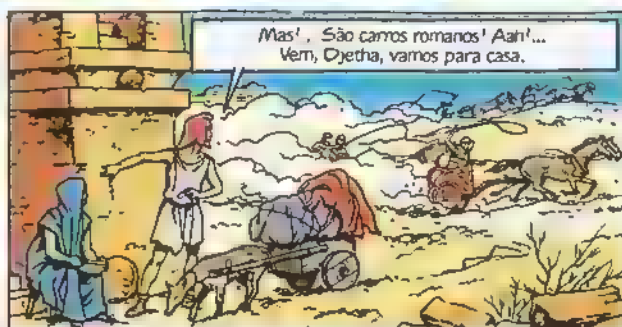
Conta connosco.



Pronto! A sorte está lançada!... É com angústia que desguarneco as nossas fronteiras. Tudo terá de correr na perfeição, Corus Maler.

Assim que tiver soldados suficientes, arrasarei as ruínas, se necessário, mas acabarei com os portadores de luz. Palavra de tribuno!

Que os deuses te ouçam!



Mas!... São camos romanos! Aah!... Vem, Ojetha, vamos para casa.



Enquanto isso, na antiga fortaleza.

As tuas mãos são suaves, Samthô! Não me importo de me magoar, para ser assim tratado.

Então, não me deixes!



Impossível, bela jovem: ambos amamos a vida... Antes de mais, tenho de encontrar Enak, o meu companheiro, e depois libertá-lo.

Mas se saíres daqui, serás massacrado!...

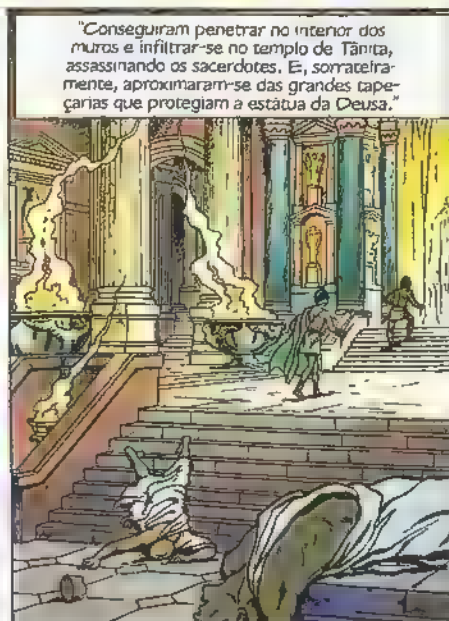
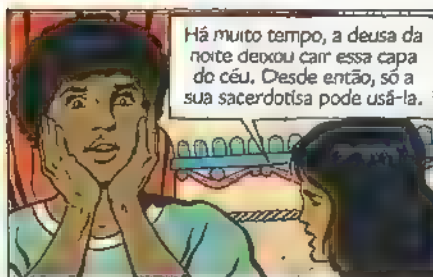


Vem comigo: proteger-me-ás e poderás finalmente voltar a ver o sol, o mar... Depois, levo-te para Roma, onde o céu é o mais belo do mundo.



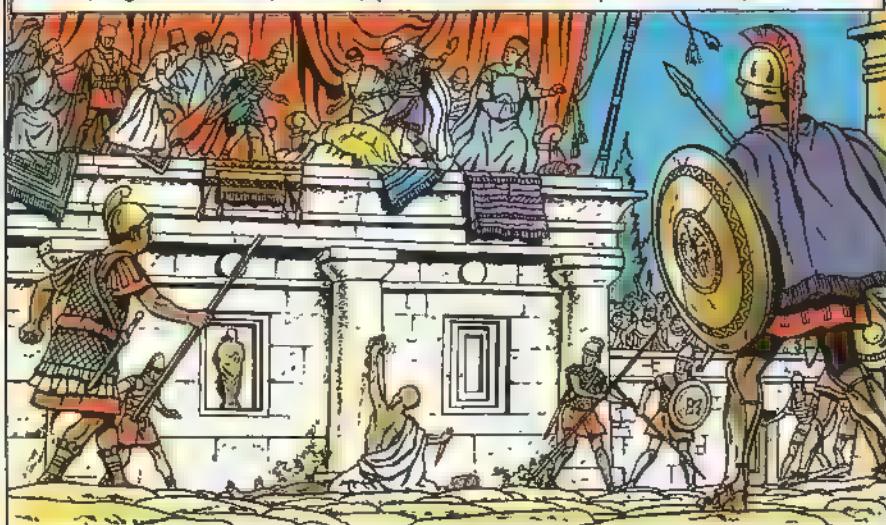
Há uma maneira!... Talvez!... Ah!

OH!



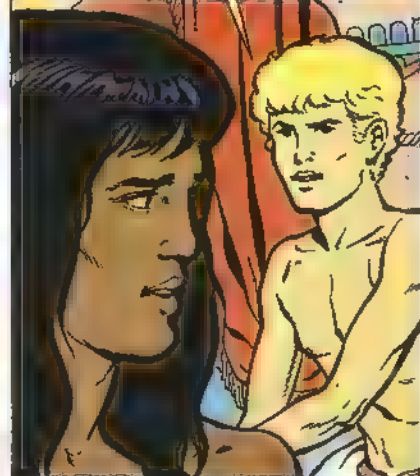
(1) Ver "O Túmulo Etrusco".

"...Porque, quando Mathô, vencido, foi conduzido aos pés da tribuna onde aguardavam os chefes de Cartago, um sacerdote lançou-se sobre ele, arrancou-lhe o coração e brandiu-o gritando: 'Tanta, vinguei-te'... Então, Salambô, que tinha levado o manto para o santuário, caiu morta."



Que terrível e belo fim!

Mas eu não tenciono morrer assim... Quero salvar o meu amigo Enak. É para isso que aqui estou.



Mas quem é ele? Não está nos subterrâneos: sabê-lo-lamos.

Então onde está? A última vez que o vi estava perto da cisterna! Que lhe terá acontecido?



Vou-me embora.

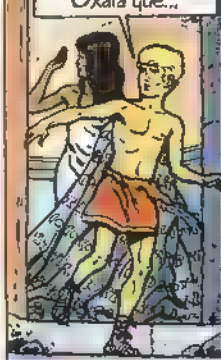
Levas-me? Prometeste!... Não quero continuar aqui fechada no meio destas lamparinas fumarentas... Ó Alix.

Mas eu ponho sal nos pavios e...



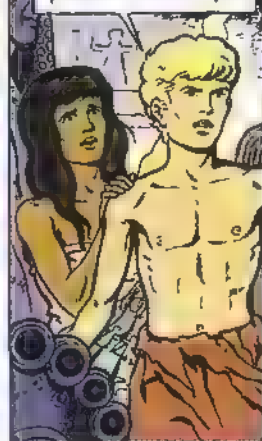
Calate, idiota! Pois bem, fica aqui soterrada e torna-te sacerdotisa. Fica no meu lugar... Mas levo o manto.

Vou voltar por onde vim. Não há um instante a perder. Enak! Oxalá que...

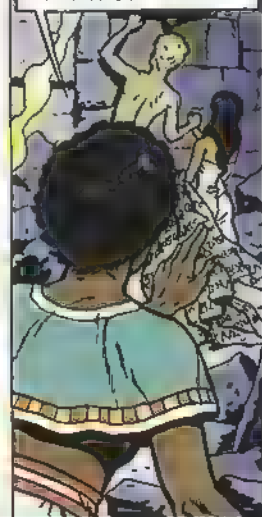


Ele é assim tão importante? Só falas nele!

Não podes compreender. Segue-me, se queres, Samthô, e não perdamos mais tempo.



Senhora! Senhora! É uma loucura! Matar-te-ão e serás amaldiçoada... Samthô! **SAMTHÔ!**...



Entretanto,

Então esse maldito tribuno mandou buscar reforços! Por conseguinte, o tempo urge!... Eh! Porque choras?

O meu cão! Fi-lo correr para vir mais depressa e, como vês, morreu.



Será enterrado. Assim prestar-lhe-emos homenagem e terás a certeza de que ninguém o comerá (!)...



Eschoum, vem depressa! É horrível!...



(!) Os Cartagineses comiam carne de cão.

E enquanto Samthô e Alix chegam perto do velho poço...

Ali está a escada... Ajuda-me a levantá-la... e seremos livres.



Não! Mais à esquerda!... Mais!... MAIS!...

Fago o que posso.
Larga a porcara desse manto, só atrapalha.



Eschoum irrompe nos aposentos da sacerdotisa de Tãrita.

Elissa!? Tu, a servente em quem depositámos total confiança, não só deixaste entrar um estranho aqui sem dares o alarme, como demoraste a avisar-nos da fuga da tua ama!



E o que é ainda mais grave: nem sequer gritaste quando Samthô roubou o manto de Tãrita! Só sabes chorar como uma pateta! Não sei o que me impede de... Aaaah!... Pelo menos, mostra-nos por onde ela fugiu!

Foi!... Foi por ali!



Por todos os infernos! Foi este o desabamento!?... Tentemos apanhar os fugitivos: ainda vamos a tempo.



Tu e os teus homens vão explorar as saídas deste lado... Os outros, venham comigo ao antigo poço.



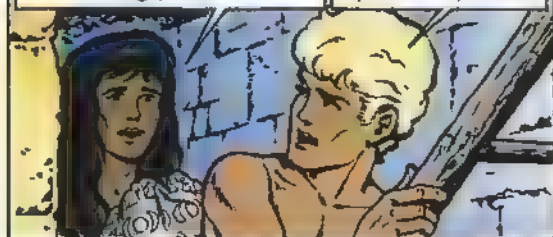
Mas não longe dali.

Pronto! Eu vou à frente: como os guardas que protegem aquele espectro, o portador da luz... Afinal, que transporta ele?...



É um segredo. Não posso revelá-lo!... Foi para o descobrires que me deixaste vir contigo, não foi?

Não! Não tinha pensado nisso... Mas, visto que não mo queres dizer, vamos.



Espera por mim!... Vou dizer-to... Alix!... É ori...

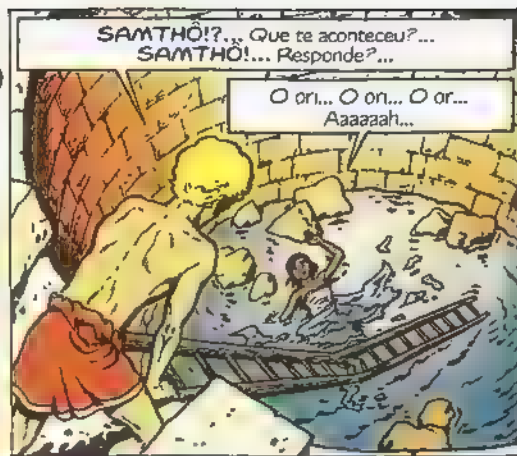
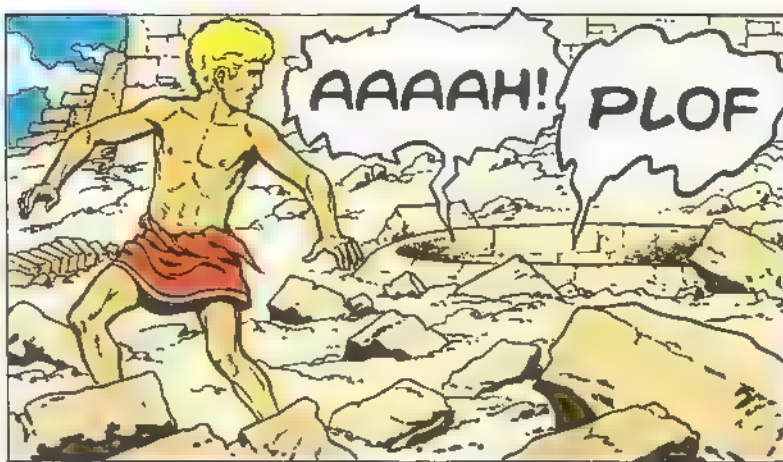


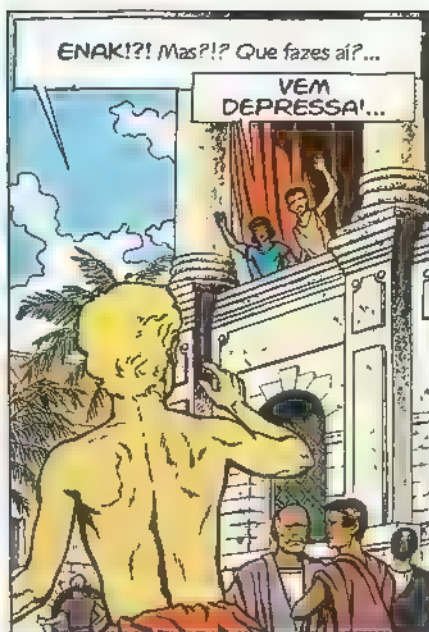
Alix!... Alix!... Não te zangues!... Alix!



CRAC AAAH!

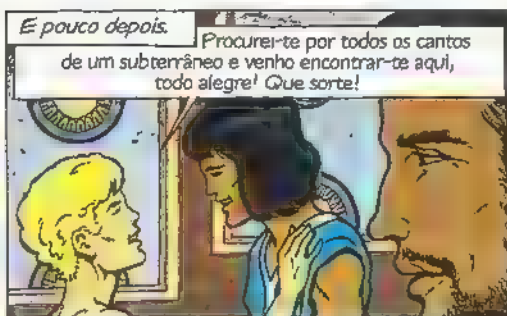






ENAK!?! Mas?!? Que fazes aí?...

VEM
DEPRESSA!...



E pouco depois.

Procurei-te por todos os cantos
de um subterrâneo e venho encontrar-te aqui,
todo alegre! Que sorte!



Eu também
receava que tives-
ses desaparecido.

Mas porque razão não me respondeste,
quando estávamos perto do antigo
palácio?



"Não te lembras? Enquanto tu esta-
vas a tentar decifrar uns sinais grava-
dos num muro, eu descobri um poço
onde tinha caído uma pedra."



"Ia ter contigo, quando, ao
longe, vi uma coisa a bri-
lhar à minha frente."



"Intrigado, aproxi-
mei-me e descobri
um clarão ofuscante,
quase insuportável!"



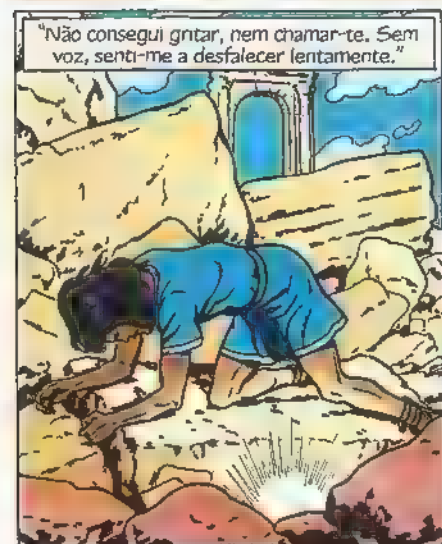
"Quis apanhá-lo."



"Mal me endireitei, senti
uma vertigem que me
fez cambalear e ficar
com falta de ar!..."



"O objecto caiu-me e
fiquei com uma quer-
madura na mão."



"Não consegui gntar, nem chamar-te. Sem
voz, senti-me a desfalecer lentamente."



"Como num sonho, ouvia sons
confusos a afastarem-se."



"Depois, os teus gntos ao longe, cada vez mais
longe, sem que conseguisse mover-me, invadido
por um torpor mortal."

"Quando voltei a mim, senti como se estivesse a acordar de um pesadelo... A noite caía."



"Pouco a pouco, fui recuperando as forças... No momento em que me levantei para partir, deparei com estranhas silhuetas a emergirem do solo. Escotavam um portador de luz... Mas este não parecia nada incomodado. Dir-se-ia um espectro rodeado pelos mais terríveis gênios das trevas."



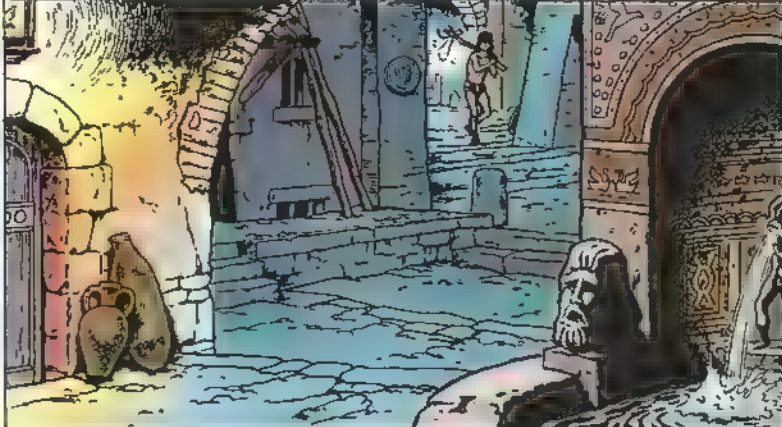
"Foi então que decidi regressar com aquele fragmento luminoso... Fiz um saco com a minha túnica e o meu cinto, depois..."



"...com a ajuda de um pau, guardei-o. Por fim, temendo o pior, desci para a nova Cartago."



"Felizmente, não me cruzei com ninguém. Que tenha acontecido se me tivessem visto transportar uma luz dentro de um saco?..."



Formidável, Enak! Graças a ti, vamos finalmente saber que material é esse. Onde o puseste?

Ali, naquele vaso grego.



O certo é que este material não queima tecido nem barro: eis a prova.



Sim!

Só falta descobrir porque motivo aquela gente faz misteriosas viagens ao velho porto.



Pois bem, tira a tampa.

Já está!



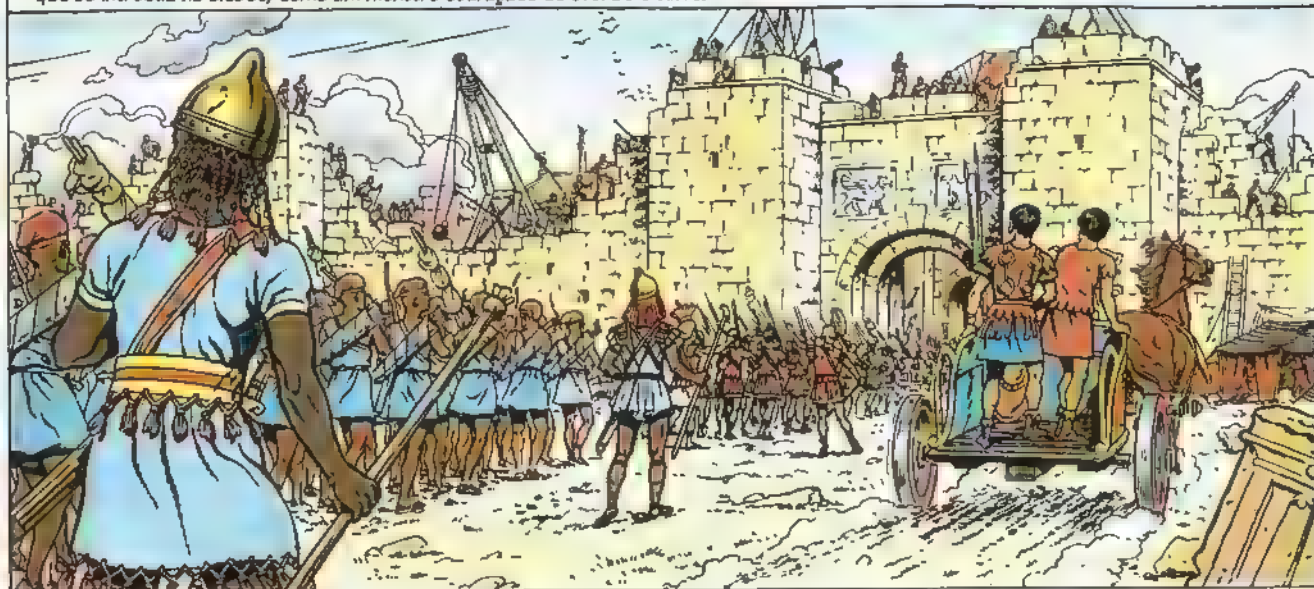
Mas!? Não está aqui nada?!

Como!?... Desapareceu!?





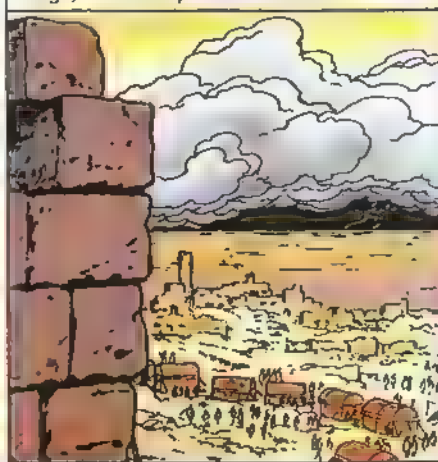
No dia seguinte, uma coluna de veteranos passa sob a arcada da antiga porta dos grifos, seguida pelos temíveis arqueiros berberes e os famosos cavaleiros númidas, enquanto do alto que ainda resta das muralhas os cartagineses contemplam demoradamente esta multidão que se introduz na cidade, como um monstro couraçado de bronze e ferro.



Por fim, quando as tropas param, o antigo palácio dos Barca está cercado! Os soldados montam, então, as tendas e instalam-se.

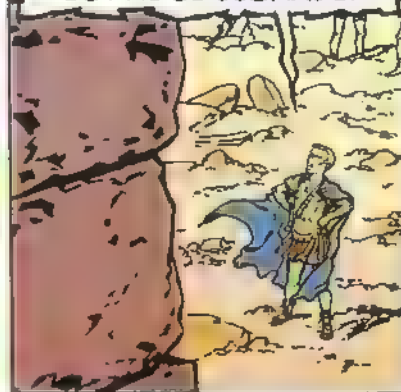


Entretanto, da cidadela, apenas o silêncio responde ao tumulto das tropas... E, no horizonte, uma tempestade rebenta: ao longe, os deuses parecem irritados.



De repente, um homem avança, só.

**ESCHOUM!... SOU EU!...
CORUS MALER!...
DESAFIO-TE! MOSTRA-TE,
SE NÃO ÉS COBARDE!**

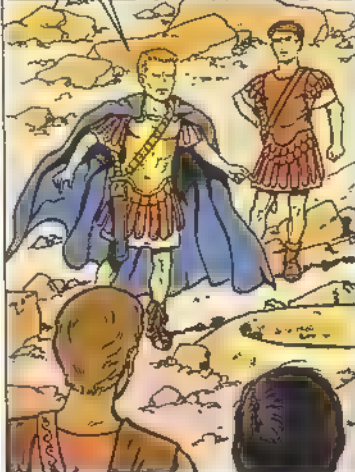


Apesar do insulto, o silêncio mantém-se, como se a construção mutilada quisesse manifestar um altivo e esmagador desprezo.

Não se atreve! Pois bem, vamos encunhar a presa na sua própria toca: obstruam todos os poços.

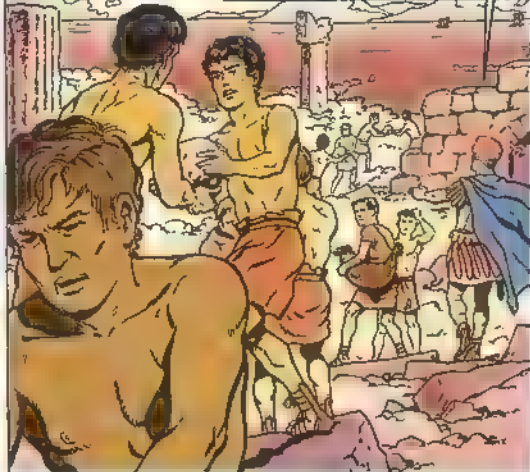


Começemos por este! Formem um cordão e não parem até estar cheio de pedras.

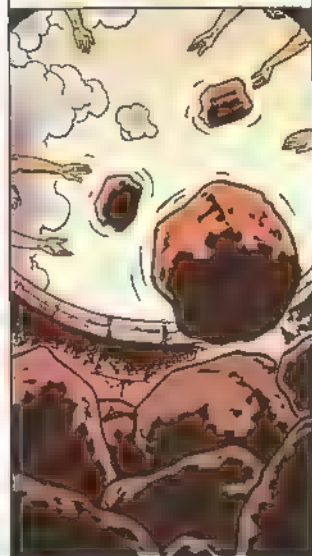


Então, sob um calor torrido, os homens afadigam-se...

Não afrouxem o ritmo... Ai à frente, aguadeiros, despachem-se!



...E as velhas cisternas vão-se enchendo com uma barulheira infernal.



E mais tarde.

Pronto, tribuno, o trabalho está terminado.

Perfeito! Agora, façam o mesmo aos outros poços, nas imediações.



E o trabalho recomeça sob as nuvens negras que se acumulam no céu.



Despachem-se: a noite cai. Tem de estar tudo terminado antes de escurecer.



Uf! Acabou-se. Enchemos o último poço.

Ah! An! Não têm escapatória. Acendam as fogueiras e distribuam ração dupla de víveres.



Agora esses malditos portadores de luz já não poderão sair... a menos que se transformem em fantasmas!...

OH!... ALÉM!...

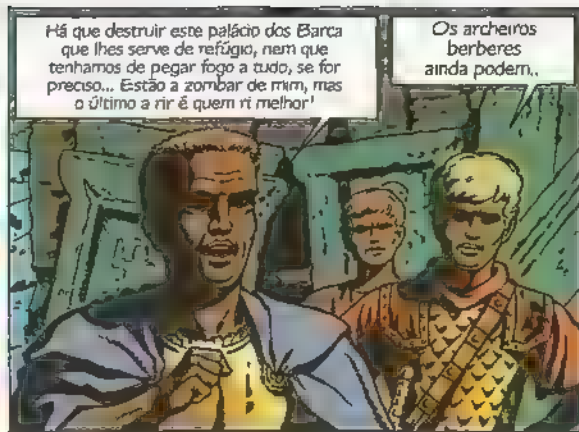




Com os diabos!
Estão a ludi-
briar-nos!

Mas então! Existem
outras passagens sub-
terrâneas?

Dirigem-se para
o porto.



Há que destruir este palácio dos Barca
que lhes serve de refúgio, nem que
tenhamos de pegar fogo a tudo, se for
preciso... Estão a zombar de mim, mas
o último a rir é quem ri melhor!

Os archeiros
berberes
ainda podem..

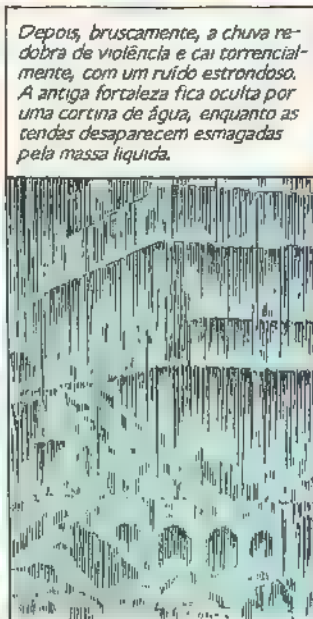


Nesse preciso momento, a tempes-
tade rebenta e gotas enormes de
água caem com violência!

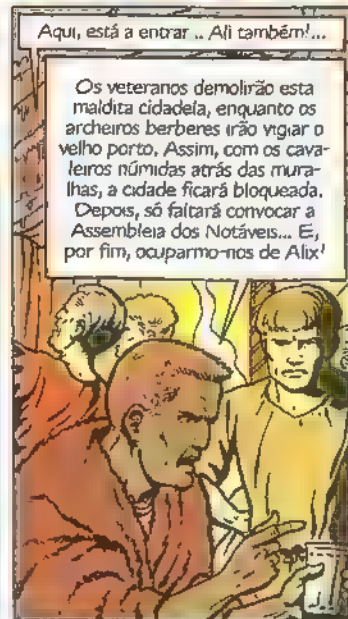
Voltemos para
as tendas,
depressa!



Os homens desatam a correr,
mas ficam encharcados muito
antes de chegarem aos abrigos.



Depois, bruscamente, a chuva re-
dobra de violência e cai torrencial-
mente, com um ruído estrondoso.
A antiga fortaleza fica oculta por
uma cortina de água, enquanto as
tendas desaparecem esmagadas
pela massa líquida.

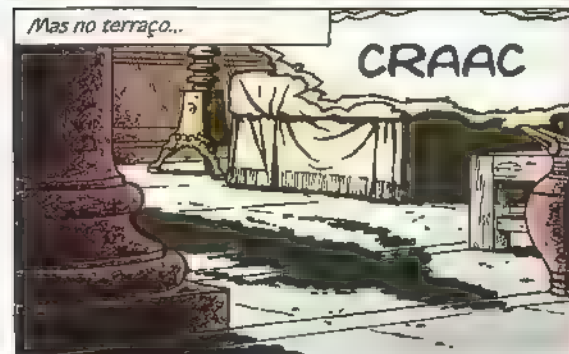


Aqui, está a entrar .. Ali também!...

Os veteranos demolirão esta
maldita cidadela, enquanto os
archeiros berberes irão vigiar o
velho porto. Assim, com os cava-
leiros númeras atrás das mura-
lhas, a cidade ficará bloqueada.
Depois, só faltará convocar a
Assembleia dos Notáveis... E,
por fim, ocuparmo-nos de Alix!

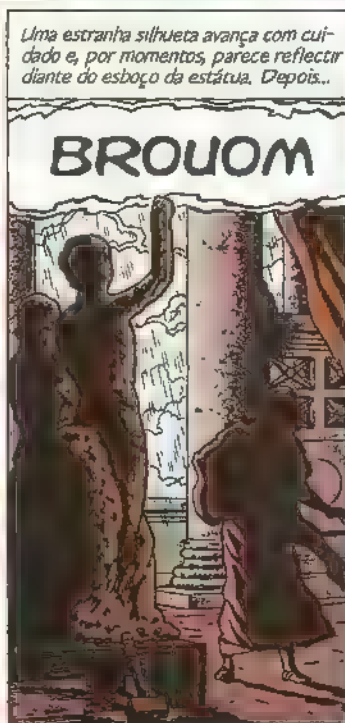


Que tempo! ... Ainda bem que
Enak adormeceu!...



Mas no terraço...

CRAAC

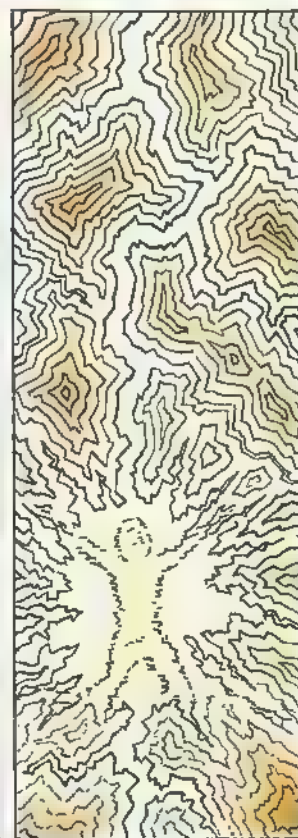
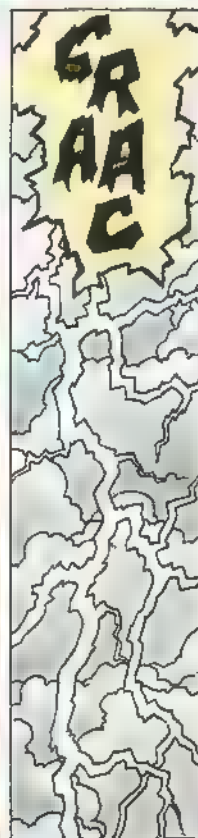
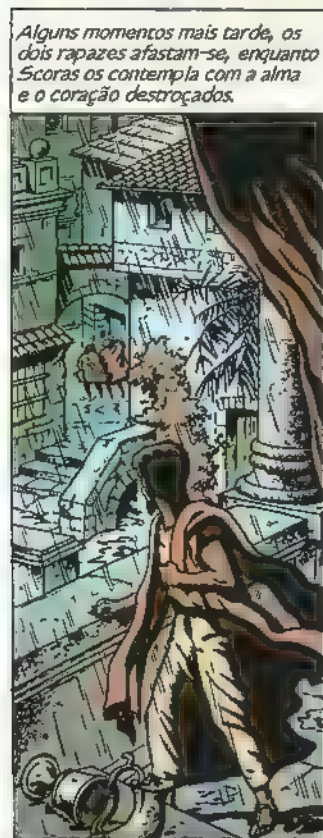
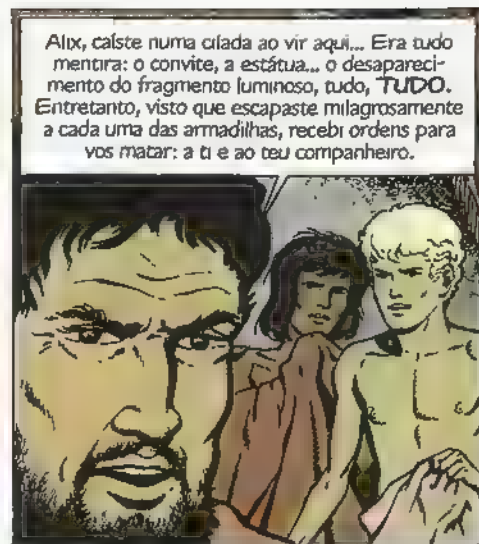
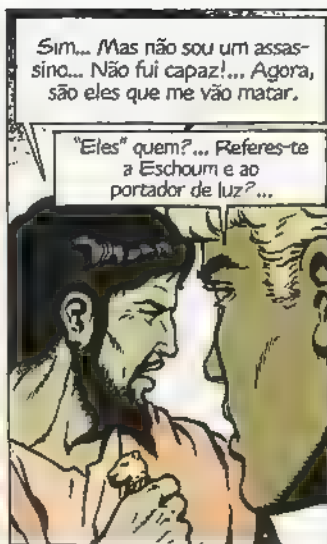


Uma estranha silhueta avança com cui-
dado e, por momentos, parece reflectir
diante do esboço da estátua. Depois...

BROUOM



...de repente!...



Petrificados de horror, Alix e Enak vêem o corpo incendiar-se...



...depois, cair na rua, onde acaba de ser consumido pelas chamas.

Anda! Não fiquemos aqui.

Sim, a chuva está a parar.



E pouco depois.

Quem vem lá?...

Amigos do tribuno Corus Maier. Levem-nos junto dele.



E, no momento em que os dois amigos entram na tenda do chefe romano, o céu descobre-se de repente e o astro de Tânitá aparece, iluminando as ruínas... A tempestade parou.



Na manhã seguinte, no palácio do governador recentemente concluído, os edis de Cartago são conduzidos à sala do Grande Conselho. Rodeados por soldados, avançam, inquietos.

Vamos!... Apressem-se! Apressem-se!...



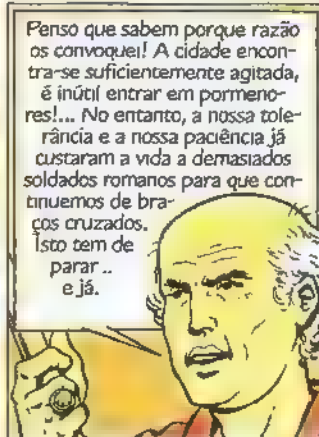


Mal o último notável entra na cûria ⁽¹⁾, a porta é fechada e os guardas barram a passagem. Cada vez mais nervosos, os cartagineses instalam-se e aguardam.



Pouco depois, o governador aparece de rompante.

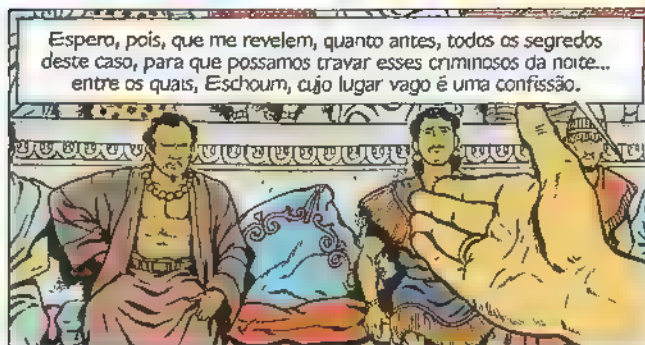
Sentem-se... Temos pouco tempo.



Penso que sabem porque razão os convoquei! A cidade encontra-se suficientemente agitada, é inútil entrar em pormenores!... No entanto, a nossa tolerância e a nossa paciência já custaram a vida a demasiados soldados romanos para que continuemos de braços cruzados. Isto tem de parar... e já.



Uma situação tão grave exige medidas excepcionais e, entre elas, a vossa colaboração activa torna-se imprescindível. Visto serem os membros mais influentes na cidade, nenhuma intriga pode ser urdida sem que conheçam cada fio que a tece.



Espero, pois, que me revelem, quanto antes, todos os segredos deste caso, para que possamos travar esses criminosos da noite... entre os quais, Eschoum, cujo lugar vago é uma confissão.



Para tal, torna-se necessário que fiquem fechados nesta sala. Quanto mais depressa falarem, mais depressa sairão daqui... Caso contrário, aqui morrerão.



E o governador dá meia-volta, acompanhado por um súbito burburinho de protesto da assembleia.

Mãos à obra!



Mas!?... Vão-nos enclausurar aqui e deixar-nos sem beber nem comer! É...

Cala-te, Hannon... e poupa as tuas energias: vais precisar delas!...



Nesse momento, em frente à casa de Lydas...

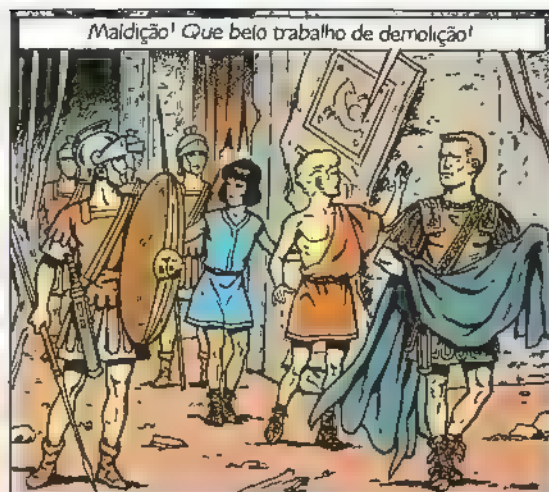
Nenhuma resposta! Pois bem, anrumbem a porta...

(1) Cada cidade colonial romana dispunha de um fórum e de uma cûria.



Está tudo destruído!...
Mas entremos.
Sigam-me.

Levaram e
partiram tudo.
Que pilhagem!

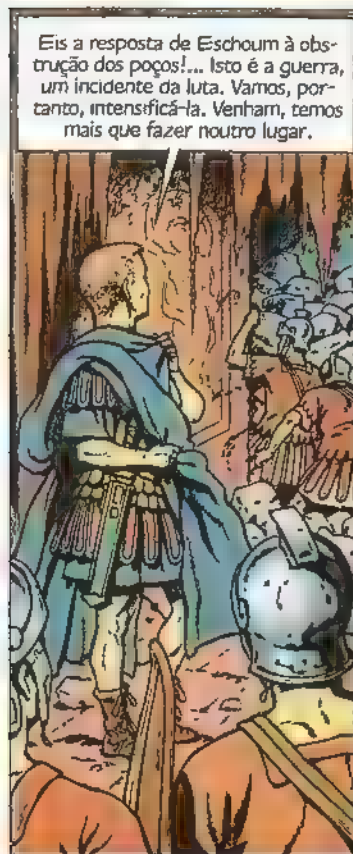


Maldição! Que belo trabalho de demolição!



Até as paredes foram marteladas. Esforçaram-se por não deixar qualquer vestígio, nem uma pista.

Venham ver! Esta
passagem foi tapada.



Eis a resposta de Eschoum à ob-
strução dos poços!... Isto é a guerra,
um incidente da luta. Vamos, por-
tanto, intensificá-la. Venham, temos
mais que fazer noutro lugar.



Ali, ainda há marcas de
criptogramas, estás a ver?...

Sim, mas estão
pouco nítidas!

Todos para a fortaleza
dos Barca.



Alix?... Enak?... Vamo-nos
embora. Não se demorem,
pois nada mais há que fazer
aqui. Despachem-se.

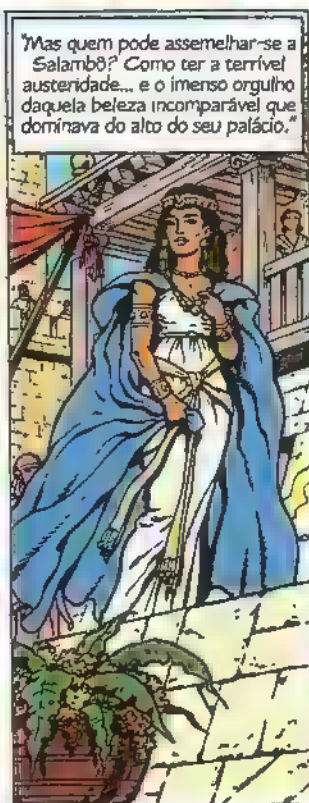
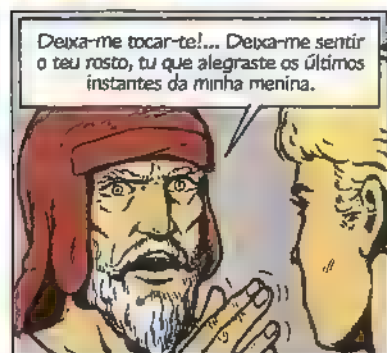
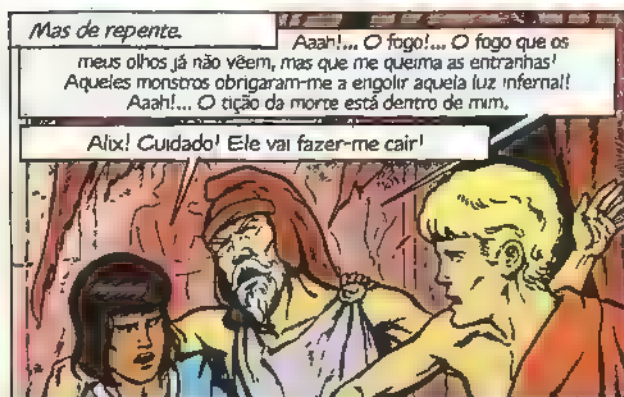


VAMOS JÁ!...
É impossível decifrar o
que resta, está mesmo
ilegível. É pena!...



AAAH!. AAH!
AAAAAH!







(1) Ver "A Garra Negra".

Entretanto, Corus Maler acelera a destruição do antigo palácio...

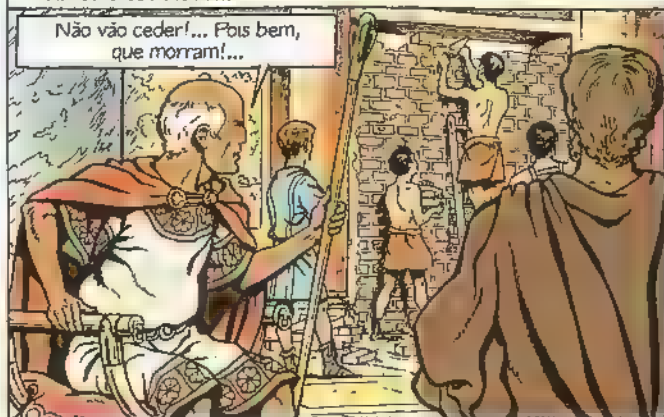


Estas pedras servirão para edificar uma nova cidade aqui mesmo.

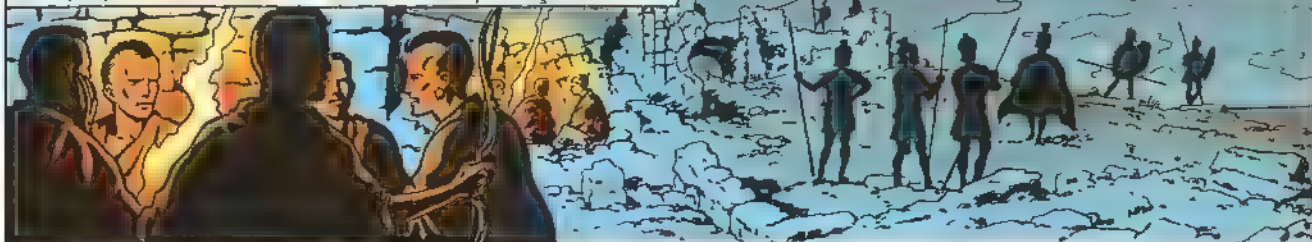


...Enquanto o governador assiste, furioso, à conclusão do muro que enclausura os notáveis.

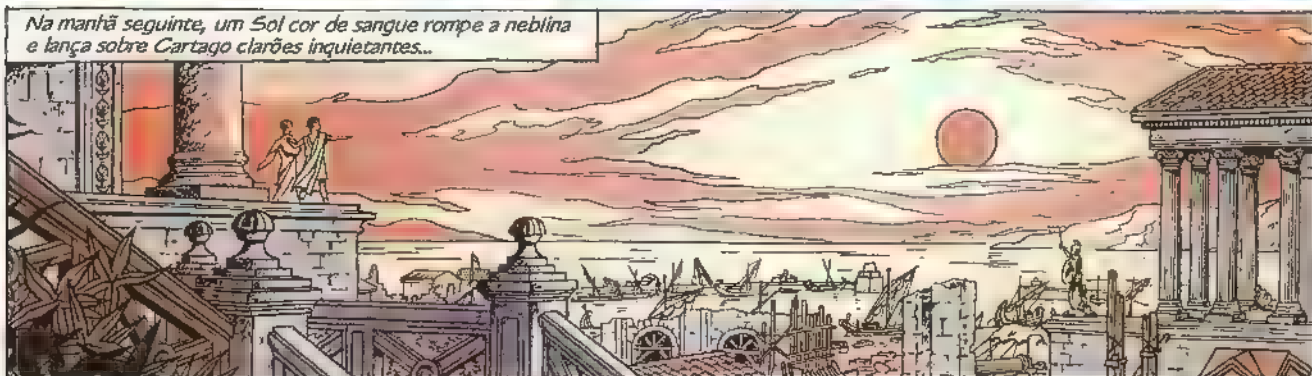
Não vão ceder!... Pois bem, que morram!...



Chegada a noite, uma multidão de soldados vasculha as ruínas... mas sem qualquer resultado: não encontram a mínima presença insólita.



Na manhã seguinte, um Sol cor de sangue rompe a neblina e lança sobre Cartago clarões inquietantes...



...que logo invadem a sala onde os edis se encontram enclausurados.



Oiha!... Mannon está a tentar sair!

Afasta-te dessa porta!... Para a próxima, não falharei.

POK

Mas!... Eu!... Eu só queria ver se... se... Oh!... Quando vamos comer? Isto não pode continuar!...



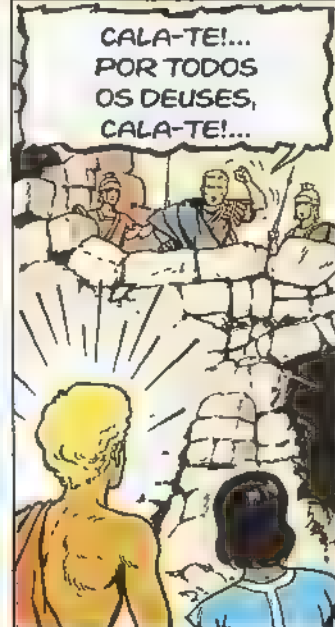
Nesse momento.

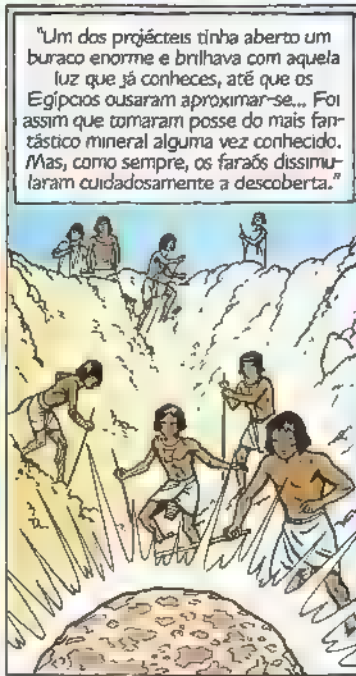
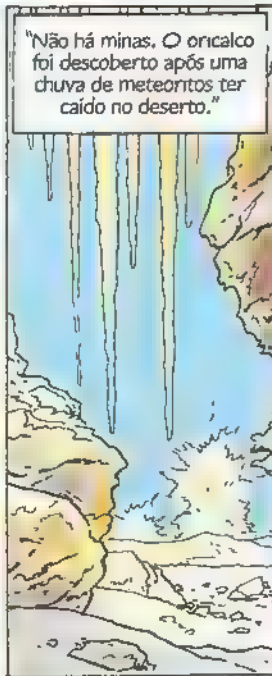
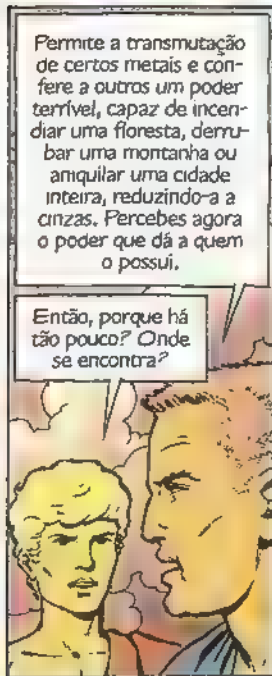
Ah! Estás aí, Alix!... Já me perguntava o que sena feito de ti! Decididamente, tu...

Corus Maler. Sei de tudo!... O que os homens transportavam durante a noite era ori...



CALA-TE!... POR TODOS OS DEUSES, CALA-TE!...







SOLDADOS! MANDEM ESSA GENTE VOLTAR PARA TRÁS... E DEPRESSA!...



Mas os cidadãos rechaçados logo reaparecem, amontoando-se nos muros.

Esta multidão aguarda alguma coisa, é evidente; mas, visto que é composta tanto por romanos como por cartagineses, mais vale não a tratar com aspereza... por agora!



Afinal, que soubeste tu? Quais são os projectos de Eschoum?

O transporte de oricalco para o antigo porto terminou. Foi tudo carregado a bordo de um barco que deve zarpar daqui mal as circunstâncias sejam favoráveis.

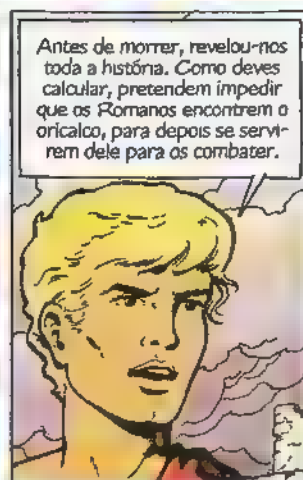
Como esta tempestade que volta a ameaçar!... Mas quem te informou disso?...



"Um velho que teve o infortúnio de ser apanhado entre mim e Eschoum! Já morreu."



"Esta madrugada, Enak e eu levámo-lo para a colina dos defuntos."



Antes de morrer, revelou-nos toda a história. Como deves calcular, pretendem impedir que os Romanos encontrem o oricalco, para depois se servirem dele para os combater.

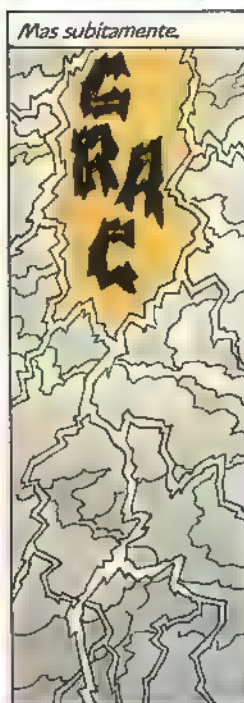


O barco está escondido algures por ali e, no momento certo, sairá e ninguém o poderá alcançar.



Um barco! Neste porto completamente destruído! Mas isso é impossível!

Sabe-se lá!?... Talvez atrás de algum daqueles muros!



Mas subitamente.

CRAC



CARTAGINESES! ESCUTEM-ME, SE PUDEREM! ROMANOS, OLHEM-ME, SE OUSAREM!...



Eu sou aquele que vos desafiou e que não puderam subjugar nem destruir... Sou a vingança, o raio, a cólera e o ódio... O espectro de Cartago, sou eu.



Mandem avançar os arqueiros. Rápido!...

NÃO!... Tentemos apanhá-lo vivo!



Alix, vou revelar o meu rosto... e talvez me reconheças pelas cicatrizes!?... Talvez!?...

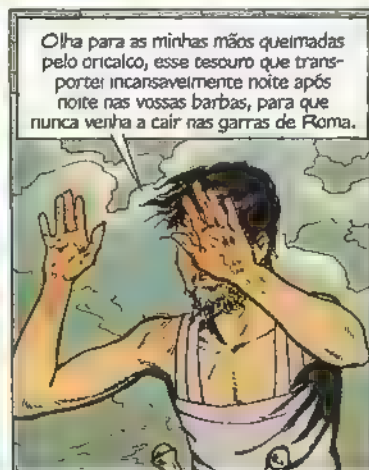


Então?... Que dizes?... Sim, eu sei que é horrível, mas para mim é ainda pior, pois, sob esta aparência de monstro, o meu coração palpita de entusiasmo e de vida... É de uma raiva indescritível contra ti, Alix.



É um louco perigoso. Temos de o abater. Os arqueiros vão...

Não, Corus Mater. Se ele morrer, não saberemos mais nada.



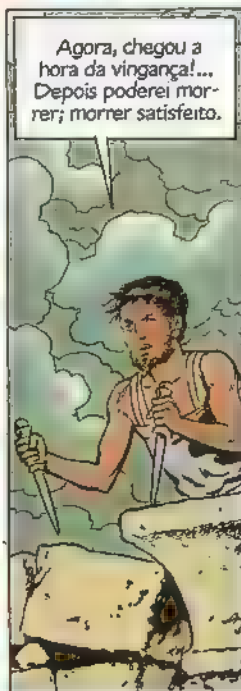
Olha para as minhas mãos queimadas pelo oricalco, esse tesouro que transportei incansavelmente noite após noite nas vossas barbas, para que nunca venha a cair nas garras de Roma.



OLHA este rosto mutilado por tua culpa, Alix... Lembras-te, em Tarquinia... A águia! Esse raio a que chamaram fogo de Júpiter, o Grande, e que mais não era do que uma ave de rapina adestrada (1).



"Uma farsa sinistra e terrível!... Ó covardes! Que podia eu fazer contra esse animal furioso, se estava acorrentado?!"



Agora, chegou a hora da vingança!... Depois poderei morrer; morrer satisfeito.



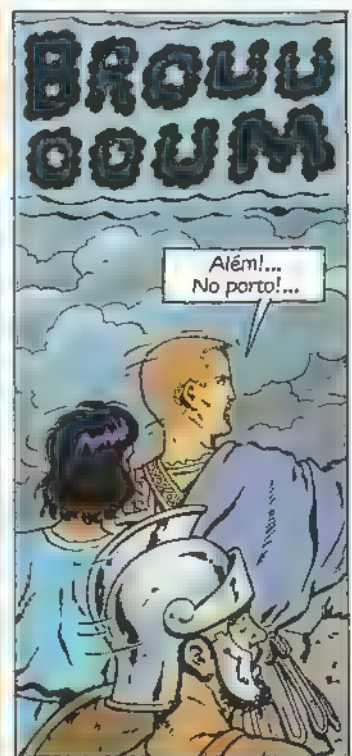
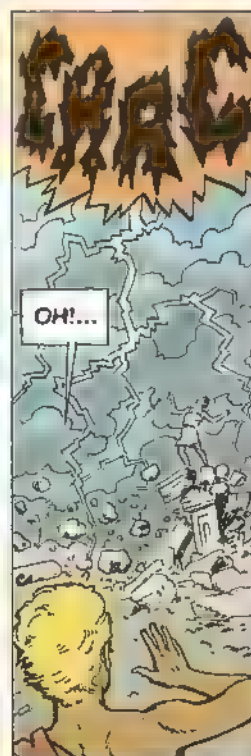
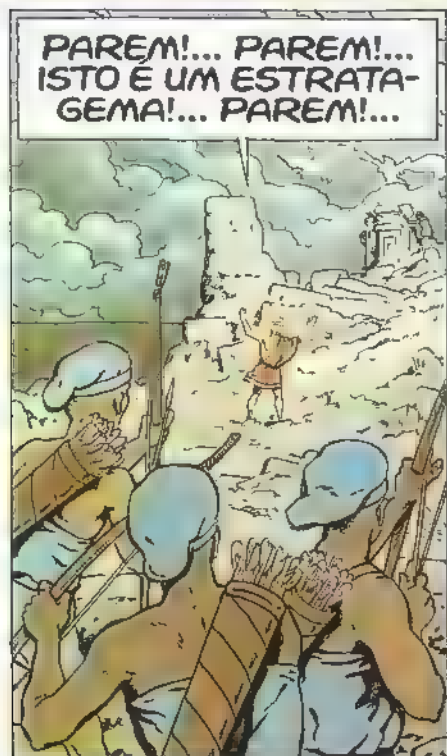
Aqui tens uma arma igual à minha, Alix... Vem buscá-la e lutemos até ao fim... Agora, bem podes chamar a tua águia!

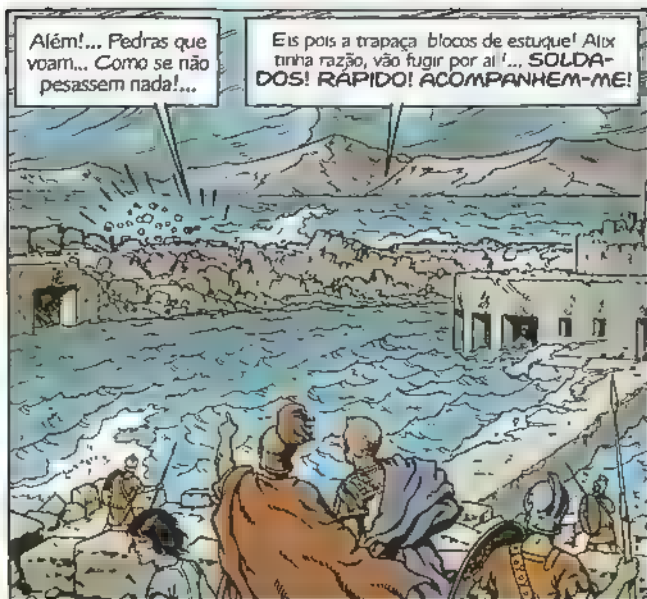


NÃO!... ALIX!...

FICA AQUI!...

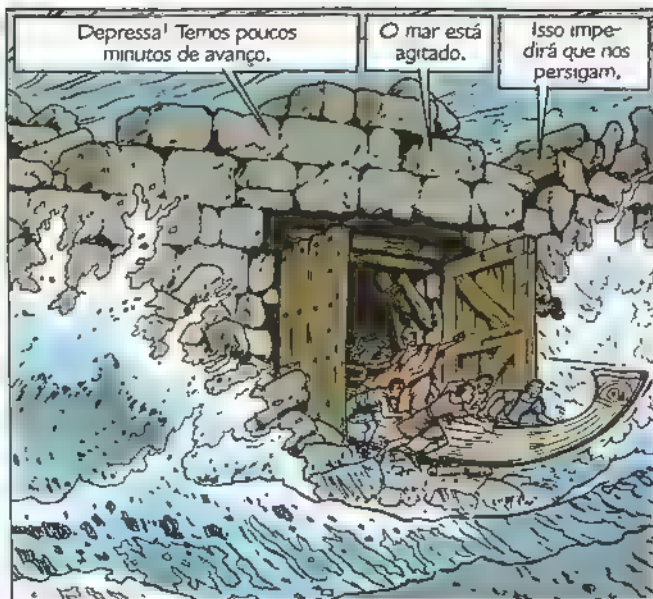
(1) Ver "O Túmulo Etrusco".





Além!... Pedras que voam... Como se não pesassem nada!...

Eis pois a trapaça: blocos de estuque! Aix tinha razão, vão fugir por aí!... **SOLDADOS! RÁPIDO! ACOMPANHEM-ME!**



Depressa! Temos poucos minutos de avanço.

O mar está agitado.

Isso impedirá que nos persigam,



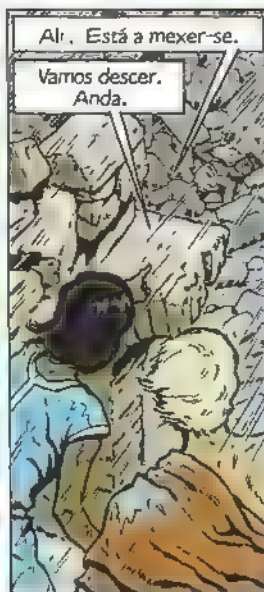
Enquanto isso, mais acima...

Aix?!... Aix?!... Onde estás?...

Aqui. Vem ter comigo.



É Brutus. Caiu com a derrocada... Deve estar algures debaixo destas pedras.

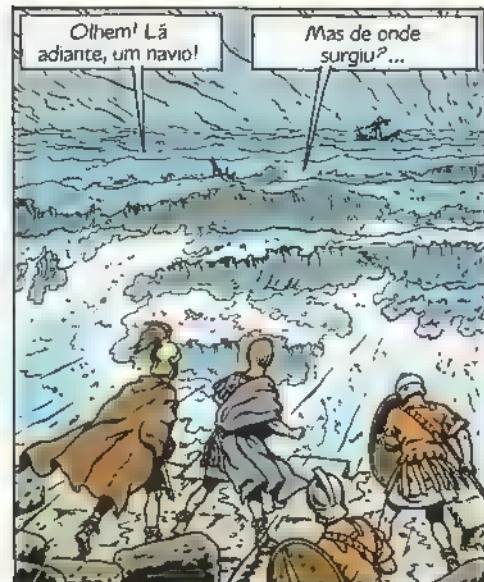


Alí... Está a mexer-se.

Vamos descer. Anda.

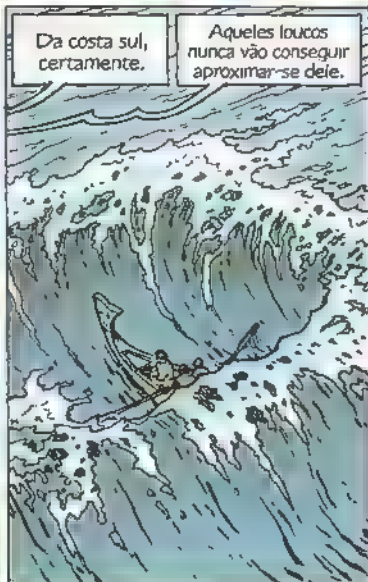


Aix... Fomos nós que te desafiamos... Era preciso... A vingança! Mas o teu deus foi... mas forte! Felizmente, Roma não terá o on...calco... Eschoum vai conseguir... Já posso morrer... Ah! Moloch... Baal!...



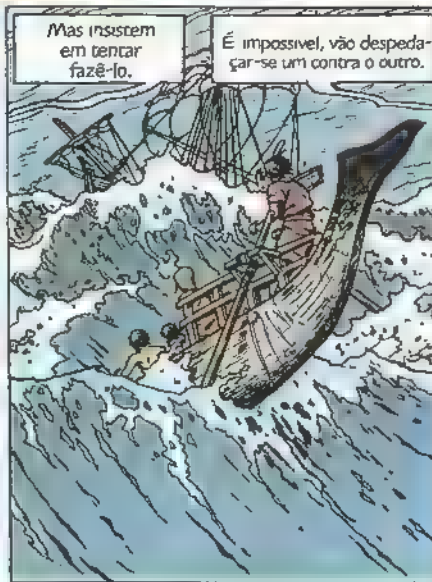
Olhem! Lá adiante, um navio!

Mas de onde surgiu?...



Da costa sul, certamente.

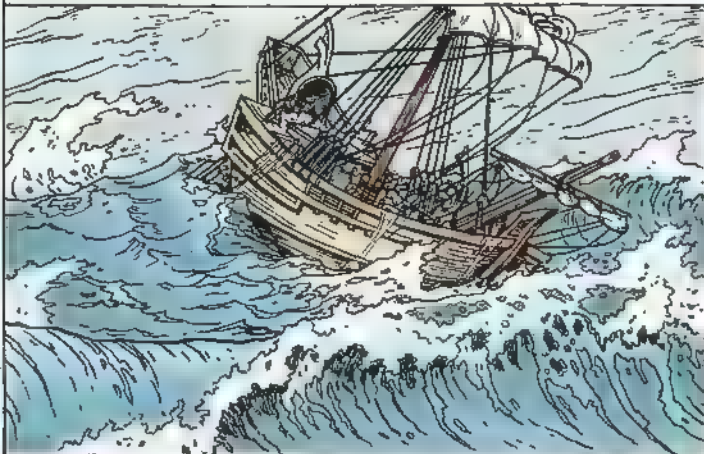
Aqueles loucos nunca vão conseguir aproximar-se dele.



Mas insistem em tentar fazê-lo.

É impossível, vão despedaçar-se um contra o outro.

Mas, apesar das vagas aumentarem de violência, a embarcação consegue acostar ao navio.



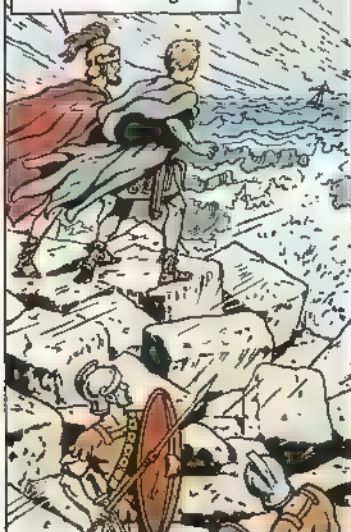
A arca, depressa: é o essencial!... Os homens depois.

Agarrem-se à rede e subam.



É incrível, conseguiram!

Não fiques aí, tribuno, isto está a ficar perigoso! Pode vir uma tromba de água e...

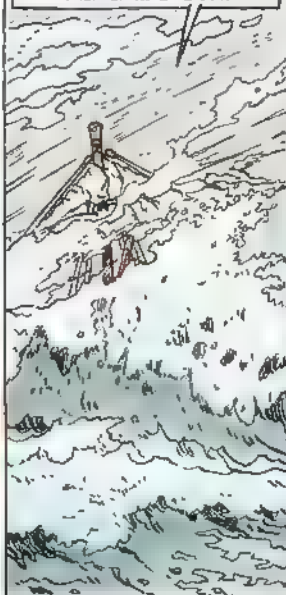


Mas olha! A corrente está a trazer o barco para cá! Vai desfazer-se contra a margem! Ah! Ah! Ah!...

Vamos sair daqui, suplico-te!...



Força! Remem, remem! Vamo-nos esmagar! Remem... Ó Baal!



Entretanto, nas ruínas...

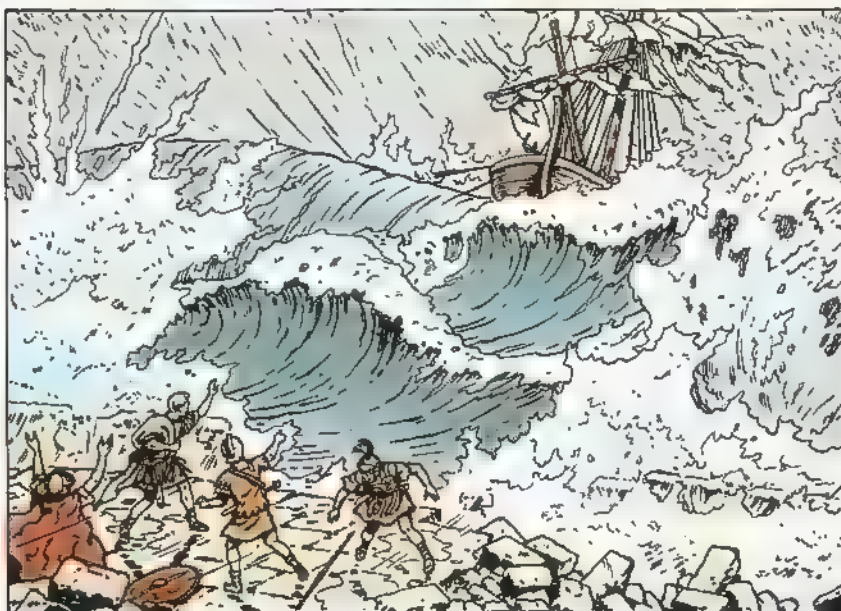
Que triste sepultura, mas fizemos o que podíamos por este homem, que foi um terrível inimigo!... Decididamente, nós...

Aí, a tempestade está cada vez mais forte. É melhor abrigarmo-nos sob esta abóbada.



Despacha-te, vais ficar encharcado.

De facto! O céu e a terra parecem unir-se para impedir que o oricalco saia de Cartago.





CUIDADO!

**ELE VAI
ESMAGAR-NOS!...**



*Um sopro escaldante, tal uma
língua de fogo, varre a cidade,
quebrando as pedras e
semeando um medo atroz.*

*Nada resta do acampamento dos soldados; à exceção de alguns
focos de incêndio que assinalam o local das tendas... Mas o maior
mistério é o súbito desaparecimento do vento e da chuva.*



*E é nessa atmosfera insólita que os enclausura-
dos do novo palácio se evadem. Atordoados e
sem saber bem o que os espera, os notáveis
saem em fila por uma das fendas que acaba
de se abrir no edifício.*

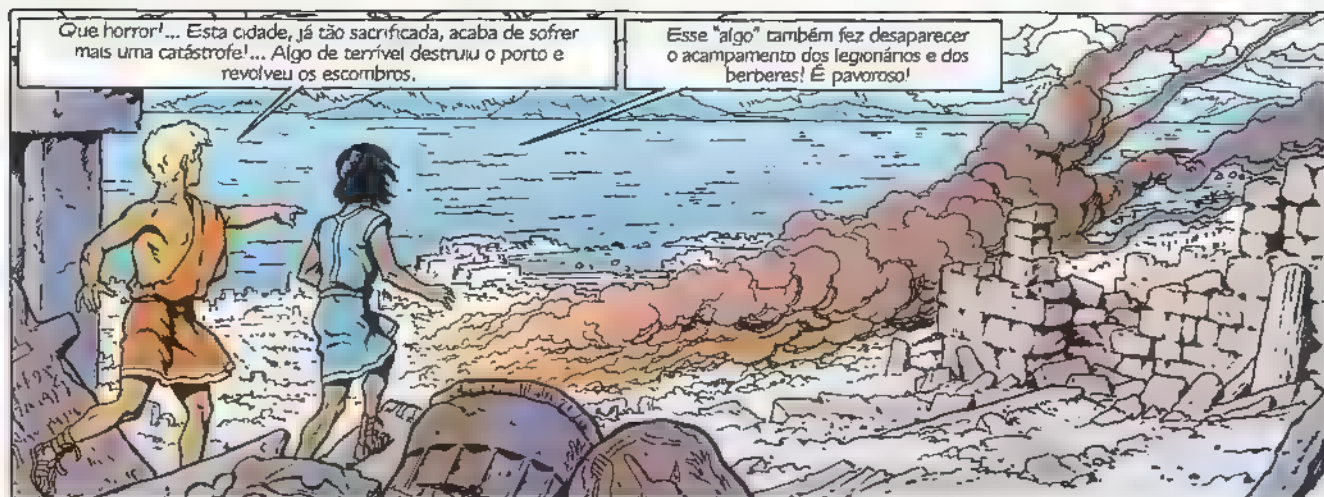


*Apenas a velha cidadela púnica se
mantém intacta!... Livre dos seus
destruidores, domina Cartago, ativa
e aparentemente indestrutível.*



*Após uma longa
hesitação, Abir
decide por fim
voltar à luz do
dia.*

*Depois deste tumulto, que
silêncio esmagador! Não
podemos ficar aqui mais
tempo. Vamos, Enak.*



Que horror!... Esta cidade, já tão sacrificada, acaba de sofrer mais uma catástrofe!... Algo de terrível destruiu o porto e revolveu os escombros.

Esse "algo" também fez desaparecer o acampamento dos legionários e dos berberes! É pavoroso!



Mesmo assim, tudo leva a crer que os deuses se tornaram mais romanos do que cartagineses: a nova cidade está danificada, mas de pé.



De facto!... E o Sol não fica em dívida com o Olimpo: os seus raios iluminam finalmente a cidade.

**EH!...
VENHAM CÁ!...**



Como é que escaparam ao desastre?... Quem são?...

Protegemo-nos do temporal debaixo de uma abóbada. Ele chama-se Enak e eu, Alix...

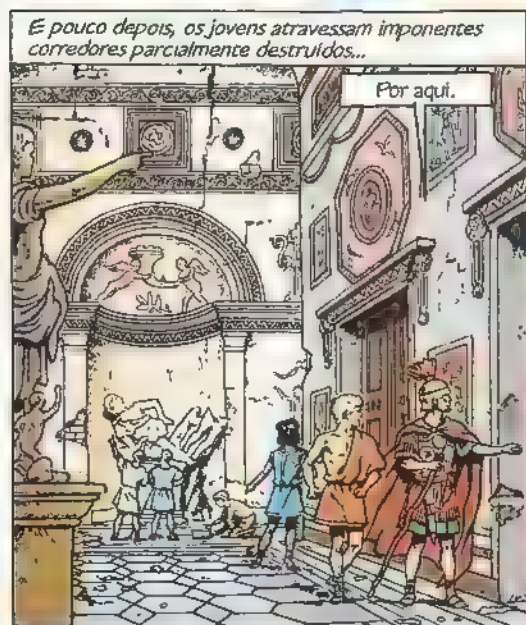
Aproximem-se.



Vamos conduzi-los junto do governador. Ele quer falar com cada um dos sobreviventes da catástrofe.

Há muitos?

Não, são os primeiros.



E pouco depois, os jovens atravessam imponentes corredores parcialmente destruídos...

Por aqui.



Finalmente!

Senhor! Aqui estão Alix e Enak. Esconderam-se num subterrâneo e sobreviveram ao fenómeno que varreu a cidade. Cumprindo as tuas ordens, eu...

Está bem! Deixa-nos a sós!



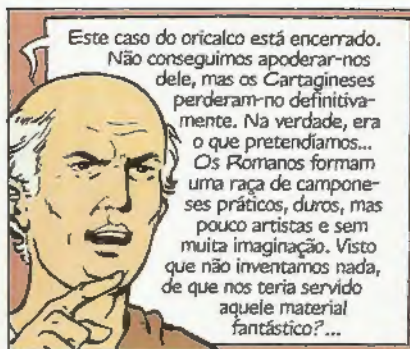
Confesso que não esperava encontrá-los sãos e salvos!... Tanto melhor. Entretanto, tendo em conta os problemas que a vossa presença pode provocar, vou mantê-los entre estas paredes.

Isso significa que somos teus prisioneiros?...



Não! Enquanto não partem, a minha maior preocupação é proteger-vos e, para tal, o melhor é ficarem aqui... Mas devem abandonar Cartago: é preferível.

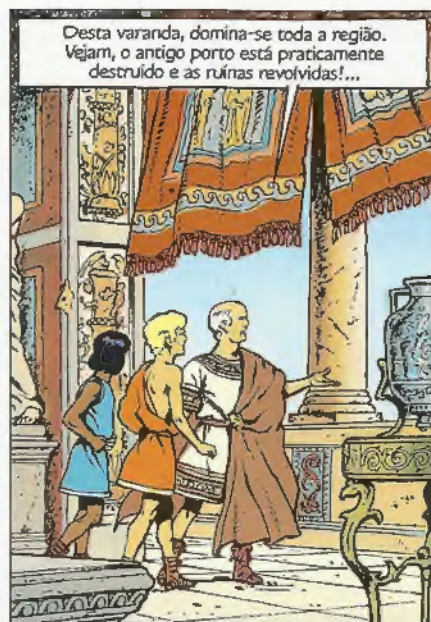
Talvez tenhas razão.



Este caso do oricalco está encerrado. Não conseguimos apoderar-nos dele, mas os Cartagineses perderam-no definitivamente. Na verdade, era o que pretendíamos... Os Romanos formam uma raça de camponeses práticos, duros, mas pouco artistas e sem muita imaginação. Visto que não inventamos nada, de que nos teria servido aquele material fantástico?...



Os Púnicos, esses, talvez tivessem conseguido aproveitá-lo para algo de terrível. Portanto, é melhor assim, Mas venham...



Desta varanda, domina-se toda a região. Vejam, o antigo porto está praticamente destruído e as ruínas revolvidas!...



Arrasaremos tudo aquilo, pois é inútil conservar tais recordações. Além disso, a cidade precisa de um fórum... Quanto ao novo porto, já o construímos deste lado e está intacto. Foi por esse motivo que aquelas galeras, além, puderam acostar. Penso que partirão numa delas.

Por que não?



Na manhã seguinte, as pesadas embarcações estão prontas para deixar a baía, quando...



São eles!... Preparem-se para largar as amarras,



Então!... Que esperam? Subam! Já perdemos demasiado tempo!...



Não se pode dizer que tragam muita bagagem! Tanto melhor, pois há pouco espaço a bordo.

Se for preciso, podemos esperar por outro barco. Isso evitaria que te cansasses com os teus sarcasmos.



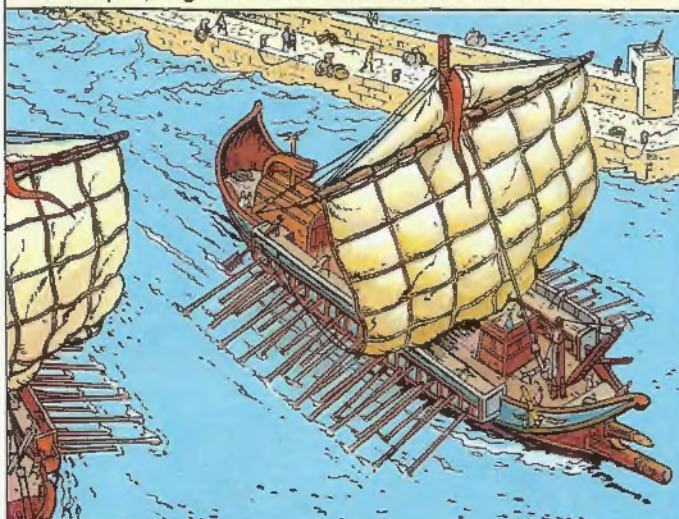
Destemido! Muito bem!... Creio que nos vamos entender. Sigam-me, vou conduzi-los à vossa cabina.



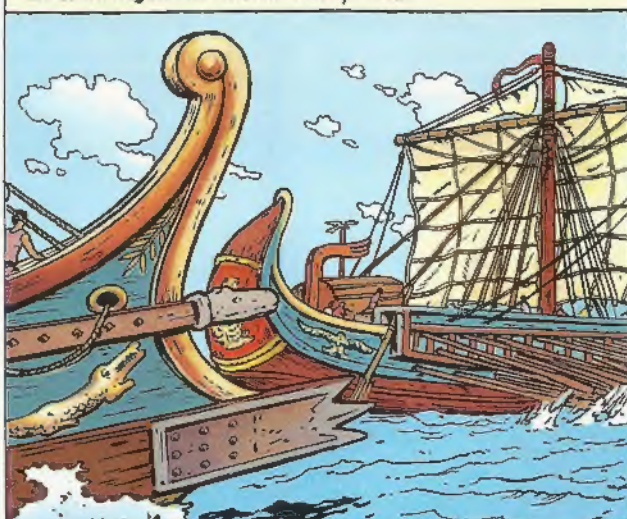
Pronto! É pequena, mas não temos nada melhor.

Chega perfeitamente!... Além do mais, ficamos na popa do navio.

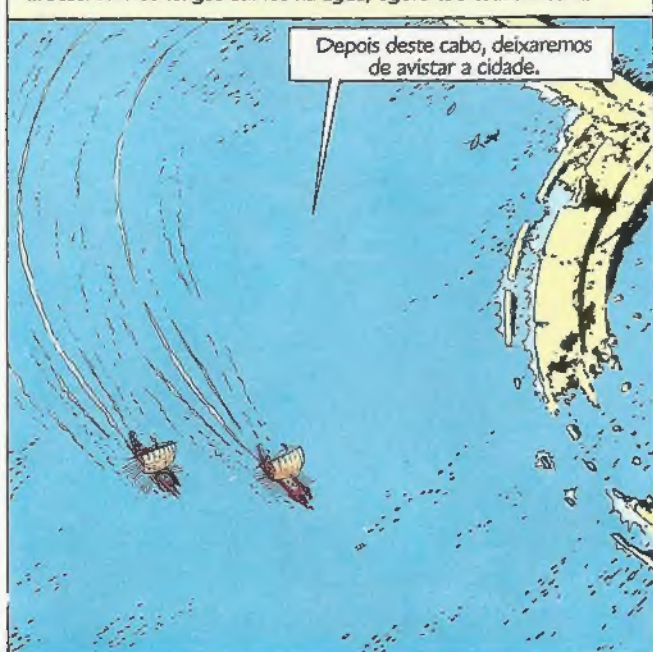
Pouco depois, os grandes barcos vão-se afastando do cais...



...e saem majestosamente do novo porto...



...descrevendo longas curvas na água, agora tão calma e azul.



Depois deste cabo, deixaremos de avistar a cidade.

Talvez tenhamos acabado de assistir ao último abalo desta Cartago púnica, que fez estremecer Roma durante tanto tempo e que não será mais do que um monte de ruínas e de cinzas sob a nova cidade. Mas, no futuro, talvez venha a ser mais fascinante arrasada do que se tivesse sido vitoriosa!... Nunca morrerá completamente.



...E permanecerá Cartago, a misteriosa!...

FIM



Inserida na Bedeteca PÚBLICO/ASA a Coleção Alix, editada entre Março e Junho de 2010, inclui 16 títulos de referência deste personagem, considerado um dos mais célebres da História da BD.



As mais célebres personagens da BD



1



2



3



4



5



6



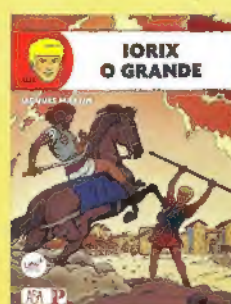
7



8



9



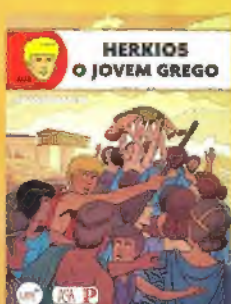
10



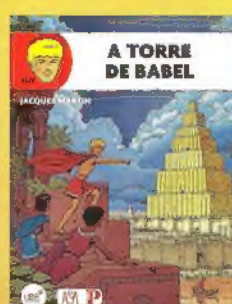
11



12



13



14

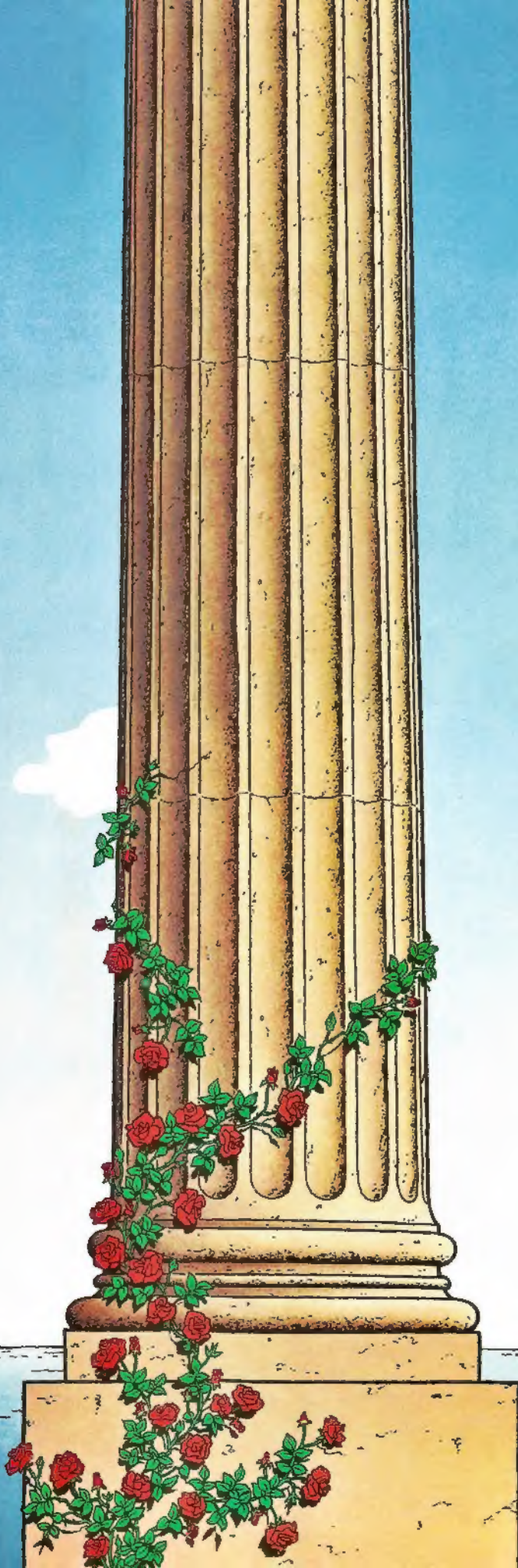


15



16





Ano 53 a.C. Alix, um jovem escravo dos romanos, fica a saber quais são as suas origens. O amo, o patricio romano Honorus Galla, revela-lhe antes de morrer que os seus pais eram mercenários gauleses de uma tribo que combateu ao lado dos romanos. E que, por essa razão, tinha decidido protegê-lo.

Assim começa uma longa saga iniciada no dia 16 de Setembro de 1948 na edição belga da revista *Tintin*. Alix, da autoria de Jacques Martin, é a mais completa e exigente série de matriz histórica produzida pela BD de expressão franco-belga. Mas seria demasiado simplista ver nesta criação a expressão típica do género de aventuras históricas. Sem enjeitar para os seus personagens um papel determinante no desenrolar da acção de cada aventura, o autor impregna a sua obra de uma dimensão trágica que permanece, para além do evidente classicismo do desenho e da dimensão "pedagógica" da obra, um elemento maior da narrativa.

As aventuras de Alix são o palco por excelência do choque de interesses, vontades, desejos e percursos individuais que, não raras vezes, se resolve de forma simultaneamente violenta e dramática, quase sempre injusta e, em muitos casos, hipotecando mesmo o efectivo poder do herói como motor da acção e agente das transformações que dele se esperam. Ou seja, Alix apresenta-se, na melhor tradição clássica, como um elemento mediador entre desígnios que em muito o transcendem, pondo em evidência uma dimensão humana que só muito parcial e limitadamente é senhora do seu próprio destino.

Nada disto retira a Alix a condição de um herói integrado na História, que luta corajosamente contra todos os que ameaçam a paz romana de forma desinteressada, tolerante, generosa e sensível. São estes atributos que fazem dele um herói claramente positivo e explicam o grande sucesso da série, agora publicada de novo em Portugal numa parceria PÚBLICO-Edições ASA.



ISBN 978-989-23-0804-3

9 789892 308043